©TIAGO MACHADO

DUARTE SANTOS

FARMACÊUTICOS

Há 10.561 farmacêuticos em actividade nas farmácias comunitárias. Em média, cada farmácia já tem 3,6 farmacêuticos ao seu serviço. Isto faz da rede portuguesa de farmácias uma das cinco mais qualificadas do mundo.

Ao contrário do que sucede com outras profissões da Saúde, não há falta de farmacêuticos no Interior. Mesmo nos distritos mais pobres e despovoados, temos pelo menos dois farmacêuticos por farmácia. Em Bragança, são 2,6; em Castelo Branco e no Algarve, 3,2.

Em dez anos, o contingente de farmacêuticos comunitários cresceu 40 por cento. E rejuvenesceu: a média de idades situa-se agora nos 40 anos, de acordo com os últimos dados da Ordem dos Farmacêuticos.

Os cursos de mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas acabam de receber mais 697 alunos. No final de um plano de estudos de cinco anos, os jovens mestres vão sair da faculdade reunindo uma mão-cheia de competências: Farmácia Comunitária, Farmácia Hospitalar, Análises Clínicas e Indústria Farmacêutica. Muitos hão-de seguir carreiras no ensino e na investigação.

Para quem tem vocação, o curso é fascinante, viciante e doloroso. Em Farmacologia, aprendemos as indicações, a dose terapêutica e os riscos de muitas centenas de substâncias activas. Em Farmacognosia, estudamos as propriedades de outras tantas plantas. As cadeiras teóricas de Química e as cadeiras práticas de Tecnologia Farmacêutica perseguem-nos do primeiro ao último dia. Temos muitos outros cadeirões, alguns deles em comum com os médicos: Anatomia, Bacteriologia, Fisiologia, Genética, Parasitologia, Virologia *et cetera*, por extenso.

Os farmacêuticos fazem formação todos os anos, até ao fim da carreira. Foram pioneiros nisso. A Escola de Pós-graduação em Saúde e Gestão das farmácias, fundada em 1983, contabiliza mais de quatro mil cursos e de 120 mil formandos.

Na melhor tradição das profissões da Saúde em Portugal, os farmacêuticos comunitários são competentes. Em todos os inquéritos de satisfação, os portugueses atribuem-lhes pelo menos 9,5, de zero a dez. Sempre que foram desafiados para novos projectos, alcançaram resultados reais em Saúde Pública. Foi assim na troca de seringas, na vacinação, no seguimento dos doentes com ostomias, na dispensa de medicamentos hospitalares quando a COVID-19 ameaçou a vida dos doentes mais frágeis.

O problema é que o Governo multiplica os projectos-piloto, mas esquece-se de publicar os resultados. Parece desejar que as farmácias continuem, para sempre, a prestar serviços de graça. A rede portuguesa é uma das melhores do mundo, mas trabalha exclusivamente com as margens de comercialização dos medicamentos, que são as mais baixas da Europa.

O SNS atira, todos os anos, centenas de milhões de euros em medicamentos para cima das pessoas. Mas não investe um cêntimo no serviço farmacêutico que em todo o mundo garante o bom uso dos medicamentos e evita acidentes.

Os governos dos países mais desenvolvidos reagiram à pandemia investindo nas redes de farmácias. Em Portugal, pelo contrário, o Estado aparenta estar alienado quanto ao contributo e justo valor dos farmacêuticos comunitários, antes prosseguindo o caminho da destruição económica das farmácias.

www.revistasauda.pt

Director
Duarte Santos

Director-adjunto – Editorial
Carlos Enes

Director-adjunto – Marketing
Fausto Ferreira

Subdirectora Editorial
Maria Jorge Costa

Editor de Fotografia
Pedro Loureiro

Capa
Ricardo Castelo

Responsável de Marketing
Susana Martins de Almeida

Redacção
Carina Machado
Irina Fernandes
Nuno Esteves
Patrícia Fernandes
Pedro Veiga
Rita Leça
Sandra Costa
Sónia Balasteiro
Vera Pimenta

Redacção Online
Marta Rodrigues

Jornalista Convidado
Paulo Martins

Arquivo das Farmácias
João Mendes
Manuel Raposeiro
Ricardo Martins

Secretária de Redacção
Paula Cristina Santos
comunicacao@anf.pt

Direcção de Arte e Paginação
Ideias com Peso

Projecto Editorial
Departamento de Comunicação
da Associação Nacional das Farmácias

Projecto Gráfico
Ideias com Peso

Periodicidade: Bimestral
Tiragem: 5.000 exemplares

Impressão e acabamento
Lidergraf Sustainable Printing

Publicidade
comercial@sauda.pt | 213 400 706

Assinaturas
1 ano (6 edições): 60 euros
Estudantes de Farmácia: 20 euros

FARMÁCIA PORTUGUESA
é uma publicação da
Associação Nacional das Farmácias
Rua Marechal Saldanha, 1
1249-069 Lisboa

anf
Associação Nacional das Farmácias

Esta revista é escrita de acordo com a antiga ortografia.
Todos os direitos reservados.

6:

16:

40:

46:

72:

JUL/AGO 2020 : 239

SAÚDE PÚBLICA
6 O FUTURO É ÁGUEDA

VENCER A COVID-19
8 DOIS VÍRUS, UMA REDE
12 *SO SIMPLE!*

OLHO CLÍNICO
15 PRECISAMOS FALAR MAIS
Almeida Nunes

VENCER A COVID-19
16 A FARMÁCIA COM PAREDES DE VIDRO
20 DO DESENRASCANÇO AO PROFISSIONALISMO
24 O RESPEITO É VERDE

FARMÁCIAS REAIS
26 AMOR À ARTE
40 A HISTÓRIA NÃO SE MANIPULA

SALVAR AS FARMÁCIAS, CUMPRIR O SNS
44 PARENTES POBRES

ENTREVISTA
46 «CADA EURO INVESTIDO EM SAÚDE MULTIPLICA-SE POR 14»
Sara Cerdas

CULTURA
56 WWW.ARQUIVOFARMACIAS.PT

MEMÓRIA
66 O POETA DE CADA PESSOA
David Dias da Hora Branco

COPIADOR
70 LIVRO DE REGISTOS DA FARMÁCIA PORTUGUESA

FARMACÊUTICO CONVIDA
72 DESTA ÁGUA BEBEREI
Afonso Castro, em Chaves

ENTRE NÓS
82 SEGUNDA VAGA
Paulo Cleto Duarte

O FUTURO É AGUEDA

Câmara Municipal pioneira na comparticipação de serviço farmacêutico para o bom uso dos medicamentos.

REPORTAGEM: *CARLOS ENES / SANDRA COSTA*
FOTOGRAFIA: *RICARDO CASTELO*

A Câmara Municipal de Águeda (CMA) é o primeiro organismo público português a comparticipar o serviço farmacêutico de Preparação Individualizada da Medicação (PIM), que promove a toma dos medicamentos certos, na dose certa e à hora indicada. Este serviço já é comparticipado pelos sistemas de saúde públicos e seguradoras privadas de vários países do mundo desenvolvido, por combater um dos maiores problemas de Saúde Pública da actualidade: 50 por cento dos cidadãos não tomam os medicamentos correctamente, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. As falhas na adesão à terapêutica são responsáveis por metade dos internamentos hospitalares e pelo descontrolo de muitas doenças crónicas, como hipertensão ou diabetes, de que resultam complicações para os doentes, em muitos casos severas, como hemorragias, amputações, transplantes, cirurgias, sessões de hemodiálise e outros tratamentos evitáveis.

Farmacêuticos preparam a medicação personalizada para cada momento do dia

Várias farmácias do concelho já prestavam este serviço, que organiza a medicação em "saquetas- calendário", seguras e fáceis de entender pelos doentes, com compartimentos específicos contendo os comprimidos ou cápsulas que devem tomar a cada hora do dia. A novidade é de natureza social. A comparticipação camarária vai garantir que nenhum doente será excluído da PIM por motivos económicos.

Esta pequena revolução, apresentada a 18 de Agosto, foi implementada em três semanas, graças à conciliação de vontades de dois au-

tarcas que são profissionais de saúde. A proposta partiu do farmacêutico Pedro Marques, presidente da Junta de Freguesia de Macinhata do Vouga, e foi de imediato acolhida «com as duas mãos e uma vontade enorme» pelo enfermeiro Jorge Almeida, presidente da CMA. Na cerimónia de assinatura do protocolo entre a CMA, a Associação Nacional das Farmácias (ANF) e a Associação Dignitude, o presidente da câmara recordou as visitas domiciliárias que fez a muitos doentes ao longo da sua vida profissional. Encontrou «muitos idosos medicados nas próprias casas e uma enorme confusão nas gavetas onde guardam os medicamentos. Dali não pode resultar coisa boa», relatou Jorge Almeida.

O município financia até 100% o valor semanal da PIM, cinco euros. A percentagem de comparticipação é

«GAVETAS DE MEDICAMENTOS DE MUITOS IDOSOS SÃO UMA CONFUSÃO. NÃO PODE RESULTAR COISA BOA»

Protocolo entre Câmara Municipal de Águeda, farmácias e Associação Dignitude reforça a segurança no uso do medicamento

definida em função da avaliação dos técnicos camarários da condição económica de cada cidadão. Os potenciais beneficiários são doentes crónicos ou idosos, a tomar vários medicamentos de uso continuado, identificados e encaminhados para os serviços municipais pelo centro de saúde e as farmácias do concelho.

«Tudo aquilo que contribua para melhorar a maneira como as pessoas se relacionam com o medicamento é bom», congratulou-se a ex-ministra da Saúde Maria de Belém Roseira, embaixadora da Associação Dignitude, que disponibiliza ao projecto a sua plataforma de gestão de beneficiários. «Águeda tem o mérito de ser pioneira, mas a expansão a nível nacional vai ocorrer muito mais depressa do que nós imaginamos, porque estamos a falar de um dos maiores problemas de Saúde Pública a nível global e também em Portugal», declarou o presidente da ANF. Este momento vai ficar seguramente na história da saúde em Portugal», concluiu Paulo Cleto Duarte.

DOIS VÍRUS, UMA REDE

Farmácias preparadas para segunda vaga da COVID-19 em plena época gripal.

TEXTO: *CARLOS ENES*

Até ao final de Setembro, a COVID-19 deverá ultrapassar um milhão de vítimas mortais em todo o mundo. A Europa prepara-se para enfrentar uma segunda vaga da pandemia em plena época da gripe sazonal. A combinação das duas doenças terá um impacto difícil de estimar sobre os serviços de saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, todos os anos morrem, em média, mais de 650 mil pessoas devido à gripe, 72 mil das quais na Europa.

E em Portugal? A COVID-19, que mudou o nosso estilo de vida, está agora a chegar às duas mil mortes. É infelizmente provável que a mortalidade do novo coronavírus possa atingir – e até ultrapassar – as piores épocas gripais. No Inverno de 2018/19, o Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge contabilizou 3.331 óbitos devido à gripe. Este número seria ainda pior se fossem contabilizadas todas as pneumonias e infecções respiratórias que se aproveitam do vírus *influenza* para matar, em especial os mais vulneráveis: idosos e doentes crónicos.

Se as coisas correrem mal, a coabitação na comunidade do novo coronavírus com o *influenza* fará disparar tragicamente a mortalidade em Portugal, não só em vítimas directas como colaterais. Uma pandemia provoca mortes evitáveis, de pessoas com outras doenças, se os serviços de saúde reduzirem significativamente as consultas, exames de diagnóstico, cirurgias e outros tratamentos. O Instituto Nacional de Estatística (INE) já veio a público alertar para um aumento da mortalidade na casa dos 11 por cento. Entre 1 de Março e 30 de Agosto, morreram mais 5.882 portugueses do que em igual período do ano passado. Pelo menos dois em cada três destes óbitos não podem ser explicados pela COVID-19.

Para evitar a catástrofe, o que pode a rede de farmácias oferecer ao Serviço Nacional de Saúde (SNS)? A maioria das respostas foi implementada em Março e Abril, com excelentes resultados: as farmácias «superaram as expectativas» de 70 por cento dos portugueses, de acordo

A MORTALIDADE PODE DISPARAR, NÃO SÓ EM VÍTIMAS DIRECTAS COMO COLATERAIS

© MIGUEL RIBEIRO FERNANDES

Farmácias conseguiram adquirir 500 mil vacinas e podem ajudar o SNS a vacinar outros dois milhões de pessoas

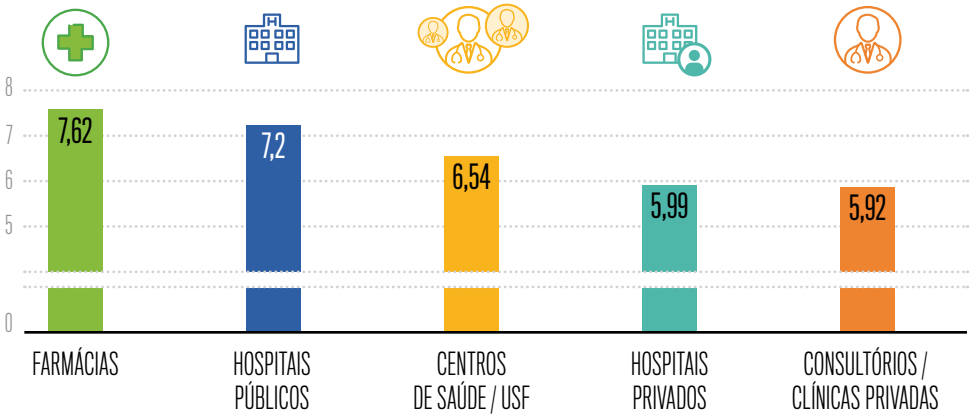
com o centro de sondagens Spirituc.

Em Março, criaram o serviço de assistência farmacêutica 1400. Com uma chamada telefónica gratuita, os cidadãos podem agora encomendar medicamentos 24 horas por dia. A rede de farmácias foi a primeira cadeia de serviços a garantir entregas ao domicílio em todo o território, permitindo aos idosos e doentes crónicos ficar em casa no pico do contágio. Os farmacêuticos comunitários garantiram a dispensa de medicamentos hospitalares, libertando os doentes mais frágeis da obrigação de fazerem deslocações desnecessárias aos hospitais. Naquele mês mais crítico, reforçaram em 7,8 milhões de euros a dispensa de medicamentos a crédito, evitando a interrupção de tratamentos dos cidadãos com maior fragilidade económica e dificuldade de acesso a consultas médicas.

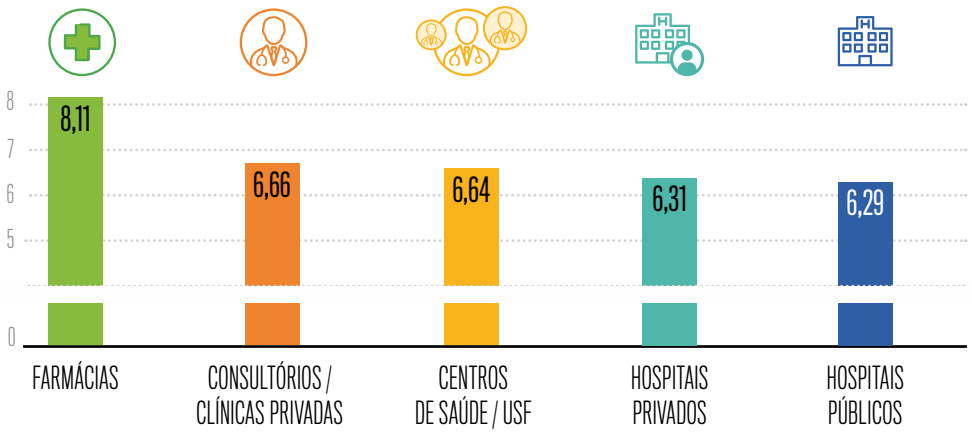
O sistema informático das farmácias já faz o registo das vacinas, em comunicação com o SNS

Agora, na segunda vaga, as farmácias preparam-se para usar uma arma decisiva contra a letalidade de ambos os vírus: a vacina da gripe. Sim, dos dois. A vacina da gripe não protege da infecção por SARS-CoV-2, mas tudo indica que reduz a morbimortalidade da COVID-19. Um estudo realizado no Brasil, envolvendo 92.664 doentes

DESEMPENHO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE DURANTE A PANDEMIA 0 - 10



SENTIMENTO DE SEGURANÇA NAS VISITAS 0 - 10



IMPORTÂNCIA 0 - 10

LINHA 1400

Chamadas gratuitas para encomenda de medicamentos

8,74

9,02

OPERAÇÃO LUZ VERDE

Acesso a medicamentos dos hospitais nas farmácias comunitárias

FICHA TÉCNICA: Inquérito Spirituc à população residente em território nacional com idade igual ou superior a 18 anos. Foram aplicados 1.009 inquéritos online através de sistema CAWI (Computer Assisted Web Interview) sendo a amostra estratificada por género, idade e região de residência, tendo por referência os dados INE. À amostra global (N=1.009) corresponde uma margem de erro de ± 3,09% para um intervalo de confiança de 95%. O trabalho de campo decorreu entre os dias 20 e 26 de Maio de 2020.

infectados com COVID-19, por investigadores do Instituto de Saúde Pública da Universidade de Basel, Suíça, e do Departamento de Pediatria do Hospital Universitário de São Paulo, trouxe essa boa notícia. Os doentes que se vacinaram contra a gripe sofreram menos 8% de internamentos em cuidados intensivos, menos 18% de suporte invasivo respiratório e menos 17% de mortes do que os doentes não vacinados.

Portugal vai receber 2,5 milhões de vacinas da gripe. O Ministério da Saúde fez a maior encomenda de sempre: dois milhões de doses. Em 18 de Setembro, data de fecho desta edição, não se sabe se as idades e outros critérios de inclusão nos grupos de risco, com acesso a vacina gratuita, vão ser alargados, como aconteceu noutros países [ver texto pág. 12]. A directora-geral da Saúde, Graça Freitas, anunciou que um primeiro lote, de 300 mil vacinas, seria administrado «prioritariamente a utentes e funcionários de lares, e aos profissionais de saúde».

A rede de farmácias vacina a população contra a gripe há doze anos. O respectivo sistema informático já está integrado com o do SNS, o que permite fazer o registo da administração da vacina a cada utente e evitar duplicações. No entanto, os doentes ainda não têm plena liberdade de escolha. As vacinas só são gratuitas nos centros de saúde, ao contrário do que acontece nos países em que o serviço farmacêutico é contratado pelo Estado. A Câmara Municipal de Lisboa recomendou ao Governo o mesmo investimento em Portugal, através de um moção apresentada pelo CDS, votada favoravelmente pelo PS e PSD no dia 17 de Setembro.

Há dois anos, no concelho de Loures, foi iniciado o primeiro projecto-piloto em Portugal de vacinação SNS nas farmácias, muito bem recebido pela população e pelos médicos locais dos cuidados primários. No Inverno passado, mais de 9.500 pessoas com mais de 65 anos foram vacinadas gratuitamente numa farmácia da sua preferência. A imunização deste grupo de risco naquele concelho cresceu mais de 30 por cento. Os farmacêuticos comunitários administraram a vacina gratuitamente, por se tratar de um projecto-piloto. Apesar do resultado alcançado, o Estado ainda não tomou quaisquer decisões sobre a generalização do serviço a todo o país. A Associação Nacional das Farmácias (ANF) já manifestou ao Ministério da Saúde disponibilidade para ajudar o SNS a vacinar dois milhões de pessoas.

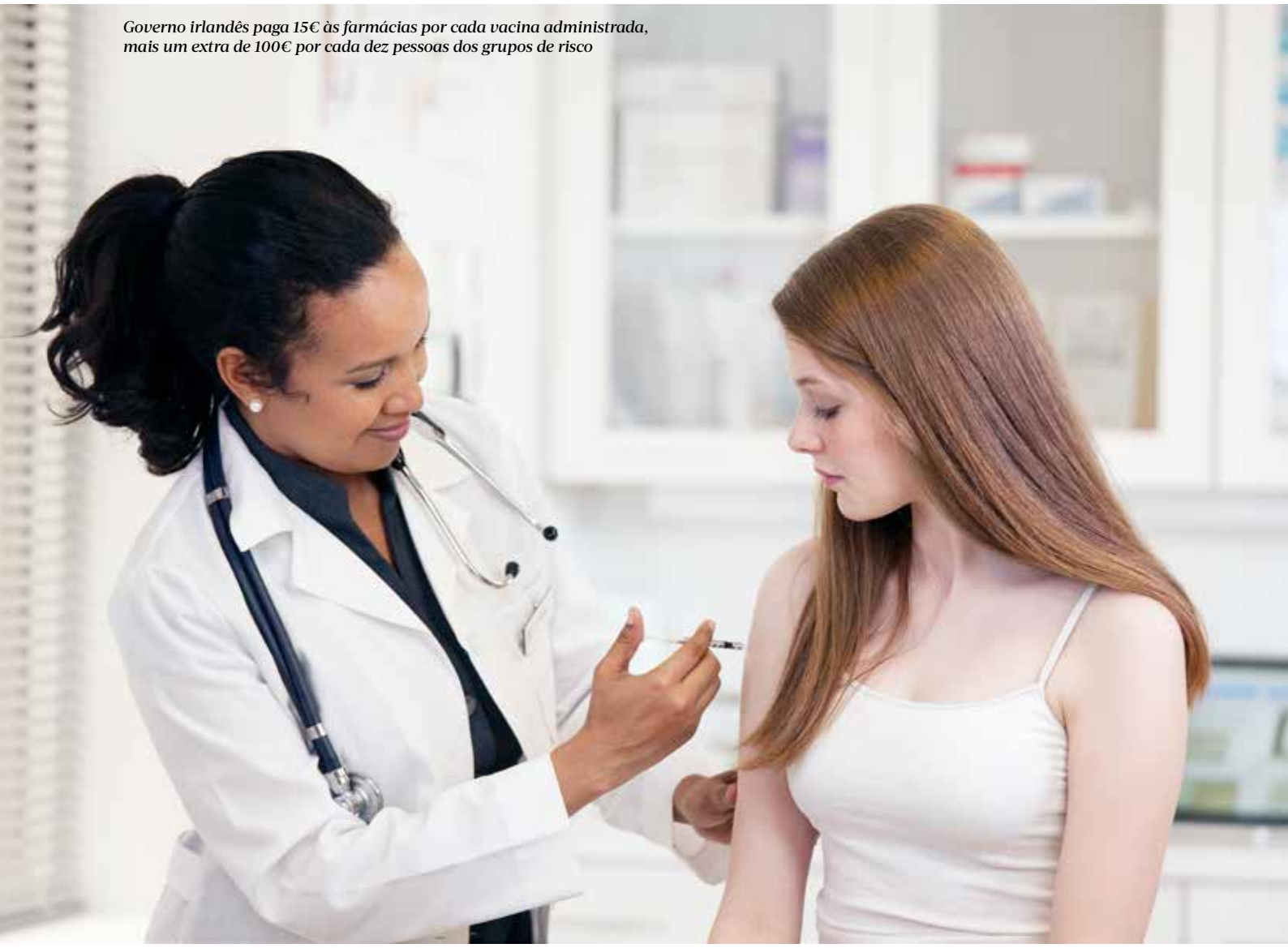
As farmácias adquiriram elas próprias 500 mil doses e têm feito protocolos para administrar vacinas aos trabalhadores de alguns sectores estratégicos, como os carteiros dos CTT e os colaboradores das cadeias de supermercados do grupo Jerónimo Martins.

A Câmara Municipal de Lisboa recomenda ao Governo o investimento no serviço farmacêutico de vacinação contra a gripe

Os CTT fizeram um protocolo com a ANF para garantir a todos os carteiros vacinas comparticipadas pela empresa numa farmácia à sua escolha

SO SIMPLE!

Países desenvolvidos mobilizam farmácias para vacinação.



Governo irlandês paga 15€ às farmácias por cada vacina administrada, mais um extra de 100€ por cada dez pessoas dos grupos de risco

TEXTO: *CARLOS ENES*
PESQUISA: *CATARINA NOBRE, LILIANE PINHEIRO*

Os governos dos países mais desenvolvidos do mundo mobilizaram os farmacêuticos comunitários para as campanhas públicas de vacinação contra a gripe sazonal e da futura vacina contra a COVID-19.

Na Irlanda, o Governo decidiu reforçar o investimento público na vacinação em farmácias. «Os farmacêuticos trabalharam de forma incrível para cuidar da população durante esta pandemia. A administração da vacina será outra parte crucial desse trabalho», anunciou o ministro da Saúde irlandês, no dia 1 de Setembro. A vacina será gratuita para os grupos de risco, tanto nos cuidados primários como nas farmácias. «Vamos entrar num período de Inverno desafiante, é imperioso limitar o impacto da pandemia sobre os serviços de saúde nos próximos meses», expôs Stephen Donnelly. Para o governante, «o custo não pode ser uma barreira para os doentes mais vulneráveis».

Todos os irlandeses maiores de 65 anos são livres de escolher o farmacêutico comunitário ou o médico de família que os vai vacinar contra a gripe, assim como os doentes de risco a partir dos 13 anos. Também as crianças saudáveis, dos dois aos 12 anos, podem receber a vacina nasal junto dos mesmos profissionais de saúde. As farmácias já recebiam 15€ por cada vacina administrada, mas o Governo decidiu reforçar esse investimento em 67%: vai pagar 100€ extra por cada dez pessoas dos grupos de risco imunizadas.

As farmácias vacinam contra a gripe na generalidade dos países mais desenvolvidos do mundo, como Inglaterra, França, Suíça, Canadá, Estados Unidos e Austrália. O governo britânico chamou os farmacêuticos comunitários a vacinar em massa os idosos internados em lares, assim

COMITÉ CIENTÍFICO FRANCÊS QUER FARMÁCIAS A VACINAR CONTRA A COVID-19

BORIS JOHNSON,
PRIMEIRO-MINISTRO INGLÊS

O governo britânico pôs as farmácias a vacinar em massa nos lares de idosos

ANDREW CUOMO, *GOVERNADOR DO ESTADO DE NOVA IORQUE*

As farmácias vão vacinar contra a COVID-19 uma população de 20 milhões de habitantes

STEPHEN DONNELLY,
MINISTRO DA SAÚDE DA IRLANDA

«A vacinação será uma parte crucial do incrível trabalho dos farmacêuticos contra a pandemia»

como os profissionais que lhes prestam assistência. Boris Johnson pretende lançar «a maior campanha de vacinação da História», num investimento de 3,25 mil milhões de euros. As vacinas gratuitas vão ser estendidas a todos os cidadãos a partir dos 50 anos, assim como às crianças do ensino primário até ao 7.º ano. «É uma missão crítica proteger o Serviço Nacional de Saúde (SNS) este Inverno», declarou o secretário de Estado Saúde inglês. «Se é elegível para obter uma vacina gratuita, recomendo que o faça, mesmo que seja a primeira vez», apelou Matt Hancock.

Nos Estados Unidos, as farmácias vão vacinar a população assim que a primeira vacina contra o novo coronavírus esteja aprovada. O governador do Estado de Nova Iorque, Andrew Cuomo, adicionou a COVID-19 à lista de doenças para as quais os farmacêuticos estão autorizados a vacinar a população. De acordo com um estudo do governo federal, o envolvimento das farmácias, numa situação de pandemia, permite antecipar em sete semanas a imunização de 80% da população. «A pandemia de H1N1 de 2009 deixou-nos a lição, crítica, de que as farmácias e os farmacêuticos desempenham um papel insubstituível nas campanhas de vacinação», reagiu Mike Duteau, presidente da Associação de Farmácias Comunitárias de Nova Iorque.

Em França, o comité científico nomeado pelo Presidente Emmanuel Macron para coordenar o combate à pandemia também recomenda o recurso às farmácias

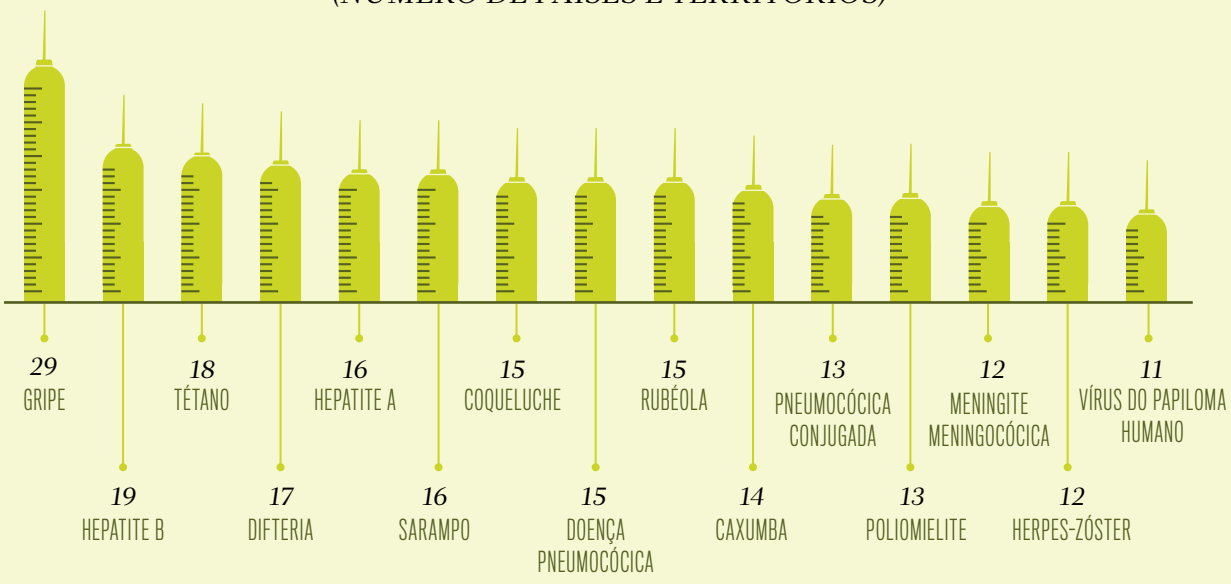
:FARMÁCIAS ANTECIPAM EM SETE SEMANAS A IMUNIZAÇÃO DE GRUPO

comunitárias assim que uma vacina para a COVID-19 esteja disponível. «A campanha de vacinação deve ser realizada com a maior proximidade possível à população», argumentam os peritos.

A Vaccines Europe, grupo especializado em vacinas da Federação Europeia de Indústrias e Associações Farmacêuticas (EFPIA), apresentou alguns resultados sobre a vacinação contra a gripe no hemisfério Sul. No Brasil, a participação das farmácias permitiu alcançar uma imunização de 90,7% dos idosos e de 75,5% dos profissionais de saúde. Nas contas do Ministério da Saúde, foram vacinados 18,9 milhões de pessoas com mais de 60 anos e 3,8 milhões de trabalhadores dos serviços sanitários. Na África do Sul, metade das vacinas foram administradas nas farmácias. Na Austrália, os farmacêuticos aumentaram em 12% a imunização da população adulta.

VACINAS MAIS ADMINISTRADAS NAS FARMÁCIAS

(NÚMERO DE PAÍSES E TERRITÓRIOS)



FONTE: *FEDERAÇÃO INTERNACIONAL FARMACÊUTICA (FIP), 2020*

PRECISAMOS FALAR MAIS

ALMEIDA NUNES
MÉDICO

Esta singela história que vos trago atesta e retrata, de forma simples, o "mundo real" de alguns agentes da saúde, incluindo o médico.

Aconteceu-me este mês de Agosto, com um dos meus muitos doentes medicados com novos anticoagulantes orais (NOAC), neste caso, Xarelto. A dosagem indicada para ele é de 15 mg/dia, porque a sua função renal já não permite dosagem superior. No entanto, por lapso, naquela consulta prescrevi-lhe 20 mg.

O caso não era duma gravidade extrema, mas o facto é que aquela dosagem acrescentava risco hemorrágico.

No dia seguinte à prescrição, recebi um telefonema da farmácia onde este doente, habitualmente, vai buscar os medicamentos:

– Doutor, desculpe, mas temos aqui uma receita do seu doente X, que normalmente consome o Xarelto 15 mg, mas desta vez a dosagem é de 20 mg. Não leve a mal, mas é mesmo assim ou houve algum lapso? É que nós temos o registo da medicação dos utentes, e esta dosagem foge ao habitual.

Dei imediatamente pelo erro. Agradeci primeiro mentalmente e de seguida de viva voz a quem me telefonara.

– Olhe, fico-lhe muito grato por ter detectado a alteração. Efectivamente, é a dosagem de 15 mg que pretendo, foi um erro na prescrição.

Desligámos, e atentei ao sucedido, realizando, mais uma vez, aquilo que sempre pensei: a farmácia é e tem de ser um parceiro, um *player* importante no acompanhamento da saúde dos nossos doentes.

Isto passa por algumas premissas, que considero básicas.

Precisamos que haja, muito mais do que se verifica actualmente, um contacto fácil e frequente entre a farmácia comunitária e o médico. Na farmácia hospitalar, esta necessidade também é uma realidade, embora nesse contexto a comunicação seja mais usual e mais bem aceite. Esta comunicação só traz valor acrescentado para todos, em particular à saúde dos nossos utentes, que são a razão da nossa actividade.

Para que esta comunicação, este fluxo de informação, se obtenha de forma corrente, serão necessárias algumas medidas regulamentares, sobre as quais não me vou deter. Parece-me, antes de tudo, que está nas nossas mãos uma mudança de mentalidades, de um e do outro lado.

O médico não pode e não deve olhar o farmacêutico como um simples vendedor de remédios e suplementos. Bem pelo contrário, deve entendê-lo como alguém que conhece o utente, muitas vezes com maior intimidade. Sabe a história pessoal, familiar, o nome do gato com quem a idosa vive, enfim, aspectos da vida nos quais nós, médicos, nem sempre "entramos", ora por falta de tempo, ora por falta de abertura.

O farmacêutico não pode e não deve olhar o médico como alguém inacessível, capaz de se melindrar com um reparo. Deve ser e tem de ser criado um clima interprofissional descontraído, em que a comunicação se faça sem constrangimentos e preconceitos desadequados à nossa realidade social actual.

Esta história, simples, não tem a pretensão de mudar o estado de arte da relação médico/farmacêutico, que é do que estamos a falar. Pretende ser apenas mais uma remada na direcção certa do rio, para que possamos viver numa sociedade mais autêntica de valores, no interesse comunitário.

Pela saúde de todos...
Pela saúde de Todos...

A FARMÁCIA COM PAREDES DE VIDRO

REPORTAGEM: *VERA PIMENTA*
FOTOGRAFIA: *JOSÉ PEDRO TOMAZ*

Isabel Vieira vai confidenciando as suas angústias no pequeno espaço de atendimento do balcão quatro da Farmácia Central, em Castelo de Paiva. À sua volta, erguem-se três paredes de vidro que a separam dos outros utentes e do rosto conhecido da farmacêutica que a atende. A profissional de saúde dispensa-lhe os medicamentos através de uma gaveta que também é de vidro, para serem recolhidos com o mínimo de contacto.

«Eu queria saúde para todos. Para o povo de Castelo de Paiva e para o mundo», desabafa. Embora este pedido não possa ser atendido na farmácia, é lá que a paivense de 60 anos se sente mais segura desde que as notícias do telejornal transformaram o futuro numa incógnita.

Nos últimos meses, muito mudou. Os olhares sorridentes vieram substituir os sorrisos habituais, agora escondidos atrás de máscaras. A amizade e o amor aprenderam a resistir à distância. E sair à rua já não é uma liberdade garantida.

«Cá dentro, a farmácia está preparada para que a população não se contagie. Lá fora é que estamos sujeitos a tudo», afirma Isabel, enquanto desinfecta as mãos num dos dispensadores automáticos de gel colocados à saída.

No início da pandemia, o atendimento ao postigo não a deixava satisfeita, era «uma barreira». Agora, as paredes transparentes que a separam da equipa permitem um atendimento privado e próximo, com o «miminho» a que foi habituada. Fã dos produtos de farmácia, Isabel garante que a solução permite ver tudo o que está em exposição. «Nada escondido. E, ao mesmo tempo, está tudo protegido», explica.

A farmacêutica Helena Martins concebeu uma solução arquitectónica para dar a todos conforto e segurança

A ORIGINAL BARREIRA REAPROXIMOU OS FARMACÊUTICOS DAS PESSOAS

Manuel Vieira sente-se mais seguro desde que a engenhosa solução foi implementada

«Nada escondido. E, ao mesmo tempo, está tudo protegido», afirma Isabel Vieira

«CÁ DENTRO, A FARMÁCIA ESTÁ PREPARADA PARA QUE A POPULAÇÃO NÃO SE CONTAGIE»

Na Farmácia Central, em Castelo de Paiva, há uma estrutura em vidro que, como um aquário, divide o espaço em duas zonas: no centro mantém-se a área reservada aos utentes, marcada por separadores de vidro que isolam os balcões uns dos outros; do outro lado do vidro, estão os balcões, os expositores e toda a zona de bastidores.

Por trás da engenhosa ideia está uma mulher de armas, pouco habituada a baixar os braços perante um desafio. Aos 51 anos, Helena Martins traz nas veias a paixão pela farmácia, já do tempo da sua bisavó. E a coragem dos pais, professores de profissão, que aos cinco anos a trouxeram para Castelo de Paiva, vindos de Angola.

Depois de perceber que a solução do postigo não permitia manter a proximidade a que habituou os utentes, a directora-técnica sabia que a única hipótese era abrir portas e «fechar a farmácia de alto a baixo». Com esse objectivo em mente, começou a conceptualizar, em conjunto com a sua equipa, a melhor forma de proteger ao máximo os utentes.

Num papel, desenhou a lápis o arrojado plano. Com a ajuda de um colega de outra farmácia, o rascunho transformou-se em vídeo 3D. Da apresentação da ideia a um profissional de caixilharias, até à instalação final, bastou apenas uma semana.

«Assim conseguimos ter os utentes cá dentro com a sensação de segurança e satisfeitos, mantendo a comunicação a todos os níveis», expõe a farmacêutica. A arte e o engenho herdou-os do pai, que, mais do que professor de português, sempre teve uma veia de artesão. «Vem daí este meu gosto em ser autodidacta» – sorri – «até foi ele que desenhou os balcões que em 1989 instalei na farmácia».

Manuel Vieira, utente assíduo da Farmácia Central, ficou surpreendido quando se deparou, pela primeira vez, com este novo modo de atendimento. «Senti-me muito mais seguro» – recorda o contabilista de 62 anos – «porque a estrutura envolve todo o espaço, do chão até cima.

FARMÁCIA É O LOCAL MAIS SEGURO

***Fonte:** CESOP, Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa. Inquérito telefónico para redes móvel e fixa a maiores de 18 anos, realizado de 6 a 11 de Maio. 898 inquéritos válidos. Margem de erro máximo de 3,3%, com um nível de confiança de 95%.*

E tem separadores que me fazem sentir ainda mais à vontade». O atendimento mantém-se com o mesmo rigor e conforto. E a relação de confiança com a equipa, garante, em nada foi prejudicada.

Numa fase em que a disseminação do vírus parece estar mais controlada, Helena Martins vai acompanhando as indicações da Direcção-Geral da Saúde para avaliar a hipótese de remover a barreira com segurança. «Mas é um novo vírus, que continua a mudar» – sublinha – «Por isso, estou disposta a manter a estrutura o tempo que for preciso».

Para além da arquitectura, a segurança depende do comportamento de cada um. A directora-técnica pensou nisso e ofereceu aos utentes uma carteira para moedas e uma bolsa para as máscaras, para que cada coisa esteja no seu lugar e os riscos de contágio sejam ainda mais reduzidos.

Empenhada em ajudar a comunidade de Castelo de Paiva, toda a equipa participou nos serviços de proximidade. Para começar, reforçou as dispensas ao domicílio, o que permitiu aos doentes de risco ficarem em casa no pico da pandemia. Depois, promoveu junto dos utentes o hábito de ligarem para a linha telefónica gratuita 1400 sempre que precisarem de medicamentos fora de horas, para saberem quais as farmácias de serviço mais próximas. A farmácia passou também a garantir, gratuitamente durante a pandemia, o acompanhamento de doentes de risco que antes tinham de se deslocar aos hospitais para levantar medicamentos.

«Enquanto farmacêuticos, a nossa missão de Saúde Pública sempre foi e será de extrema importância» – explica Helena Martins – «E este momento fez-me sentir que era hora de ser solidária e devolver um pouco da gratidão que tenho ao concelho que me viu crescer».

Protegidos pela barreira de vidro, os utentes mantêm a relação de proximidade a que foram habituados

DO DESENRASCANÇO AO PROFISSIONALISMO

Doentes dos Açores cansados de pedir favores para receber medicamentos hospitalares pelo correio.

REPORTAGEM: *SANDRA COSTA*
FOTOGRAFIA: *EDUARDO COSTA*

Sidónia Correia preparava-se para ir de férias para Miami quando a vida lhe trocou as voltas. Os resultados das análises de rotina que fez no laboratório onde trabalha, em Ponta Delgada, caíram como uma bomba e estilhaçaram todos os planos. «Passei do sonho das férias ao pior dos pesadelos», resume, uma ponta de ironia na voz.

Trocou Miami por Lisboa, onde repetiu o hemograma logo no dia seguinte. Passados dois dias, a 1 de Abril, fez um mielograma, exame para avaliação da medula óssea. Infelizmente, o pior diagnóstico confirmou-se: leucemia mielóide crónica (LMC), um cancro raro que interfere no desenvolvimento das células sanguíneas saudáveis, agravada por uma leucemia linfoblástica aguda (LLA), uma doença maligna do sangue. A partir daí foi todo um «trambolhão».

Já não saiu do Hospital dos Capuchos, onde ficou internada durante seis semanas, a que se seguiram dois meses e meio de tratamento ambulatório em Lisboa. Só regressou a São Miguel cinco meses depois do diagnóstico, em finais de Julho de 2019. Trouxe consigo um companheiro para o resto da vida: o Dasatinibe, um fármaco oral que melhorou significativamente o prognóstico da LMC. Quando vai a Lisboa, às consultas trimestrais, Sidónia traz medicação para um mês. Nos outros meses, contava com o apoio do namorado, que levantava a medicação na farmácia do hospital e a enviava para São Miguel por um transitário. «Eu estava sempre dependente de uma ida lá ou de alguém que me fizesse chegar cá o medicamento», lamenta Sidónia.

Dependente de favores, durante cinco anos, esteve também José Paulo Medeiros, morador na Ribeira Grande e proprietário de uma empresa de construção civil. Em Fevereiro de 2015 fez um transplante hepático no Hospital Curry Cabral. Desde então, a toma diária de Advagraf ajuda o organismo a não rejeitar o fígado. Como para Sidónia, é medicação para a vida. As consultas em Lisboa começaram por ser mensais, hoje José vai a cada nove ou dez meses. A médica dá-lhe receitas suficientes até à próxima consulta, mas na farmácia hospitalar só consegue levantar o suficiente para um mês. Nos restantes, contava com a simpatia da dona Patrícia, administrativa no hospital. Conheceram-se lá, ainda antes do transplante, e ficaram amigos. Durante todos estes anos ela fez-lhe o favor de ir aos correios despachar a medicação para a ilha. «Mas não podia fazer

Sidónia Correia recebia a medicação crónica em São Miguel por um transitário

José Paulo Medeiros, morador na Ribeira Grande, dependia de favores para receber a medicação pelo correio

A MEDICAÇÃO CHEGAVA A SÃO MIGUEL ATRAVÉS DE UM TRANSITÁRIO

Durante quatro anos, Henrique Nunes dependeu das idas trimestrais ao IPO de Lisboa para conseguir a sua hormona de crescimento

isso a todos os doentes, ou não fazia mais nada do que andar a caminho dos correios», admite José Paulo Medeiros, reconhecendo que «é sempre um bocado chata» esta dependência.

Por ironia, só a pandemia de COVID-19 libertou José, Sidónia e milhares de doentes crónicos da obrigação de percorrerem centenas de quilómetros desnecessários ou

TEM CONSULTAS EM LISBOA A CADA NOVE MESES. MAS SÓ PODE LEVAR MEDICAÇÃO PARA UM

de pedir favores para obterem a medicação de que precisam para viver. A necessidade de proteger os doentes mais frágeis de viagens arriscadas aos hospitais levou à aprovação de legislação para a dispensa de medicamentos hospitalares através da farmácia comunitária.

«Não sei por que esta medida não foi implementada antes», critica Teresa Almeida Lima, directora-técnica da Farmácia Central, na Ribeira Grande, onde desde há quatro meses José Paulo Medeiros levanta o Advagraf. «Não se justifica o utente ter de se deslocar a um hospital para receber a medicação, seja em Ponta Delgada ou no continente». A farmacêutica lembra que as farmácias comunitárias são «uma rede aberta sete dias por semana, 24 horas por dia, todos os dias do ano, sempre com farmacêuticos presentes, o que permite dispensas seguras e com o aconselhamento devido».

A proximidade e a confiança são valores essenciais em saúde. «Os doentes gostam de receber os seus me-

dicamentos na farmácia habitual, em vez de terem de se deslocar ao continente. É muito mais cómodo para eles», assegura Dalila Branco, farmacêutica na Farmácia Central.

Os doentes que optaram por ficar confinados receberam a medicação hospitalar ao domicílio. As farmácias comunitárias prestaram este serviço de forma gratuita durante a pandemia e continuam a fazê-lo até o mesmo ser avaliado e contratualizado. Os distribuidores farmacêuticos asseguram o transporte nas condições ideais de temperatura e humidade. «Os medicamentos são caros e pelos correios normais podem extraviar-se», acrescenta José Paulo Medeiros.

Outro aspecto crítico é a confidencialidade. «Só nós e o utente é que sabemos que se trata de medicação crónica», explica Ricardo Gaspar, director-técnico da Farmácia Vasconcelos Raposo, situada em Capelas, a Norte da ilha. Sidónia Correia, que já ali recebeu o Dasatinibe por quatro vezes, confirma: «É excelente! É só receber o telefonema, chegar aqui e levantar. Sabemos que o medicamento vem devidamente acondicionado e não temos de pedir favores a intermediários».

Durante quatro anos, Henrique Nunes dependeu das idas trimestrais ao Instituto Português de Oncologia de Lisboa para conseguir a sua hormona de crescimento. Na Farmácia Vasconcelos Raposo levantou a última embalagem de medicação injectável de que precisava para concluir o tratamento. O jovem de 19 anos, estudante de Engenharia Electrotécnica e de computadores que ambiciona ingressar no Instituto Superior Técnico, só deseja que o serviço se mantenha para quem dele ainda precisa. «É uma medida muito mais inteligente. Não perdemos tempo e dinheiro em viagens e alojamentos. É só sair de casa e vir buscar».

:D URANTE ANOS, UMA ADMINISTRATIVA DO HOSPITAL MANDOU-LHE O ADVAGRAF PELO CORREIO

Com a intervenção das farmácias comunitárias, os doentes que quiseram ficar confinados receberam os medicamentos em casa

«Não se justifica o utente ter de ir a um hospital para receber a medicação, seja em Ponta Delgada ou no continente», critica Teresa Almeida Lima, directora-técnica da Farmácia Central, na Ribeira Grande

O RESPEITO É VERDE

Farmácias hospitalares e comunitárias aproximam medicamentos dos doentes.

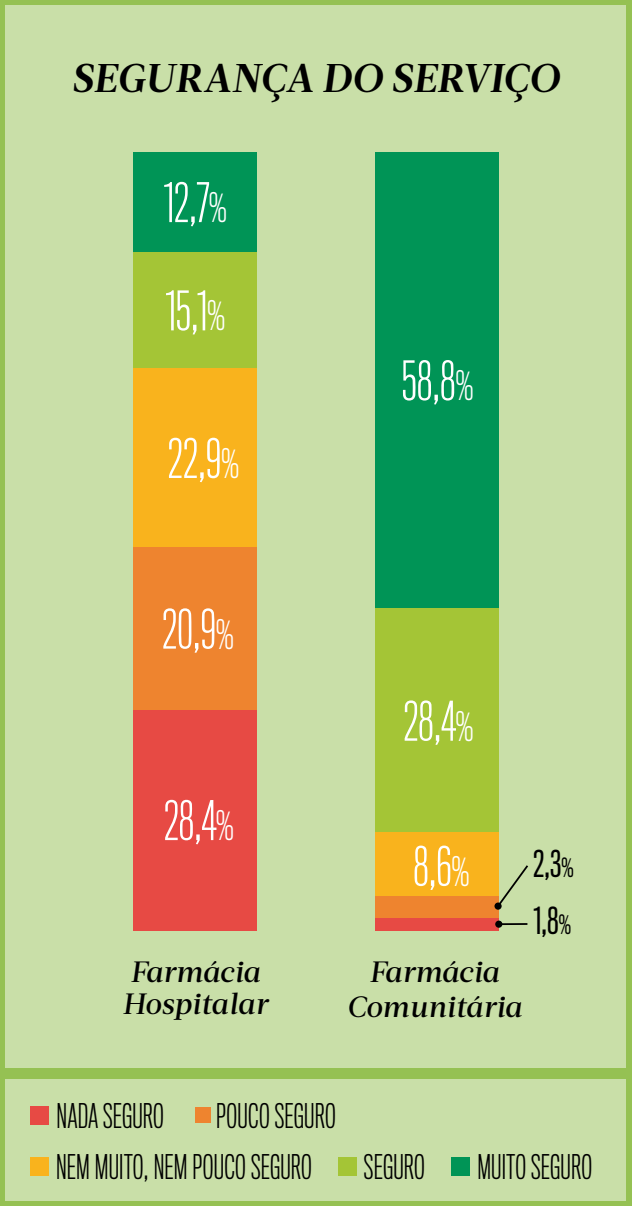
TEXTO: *CARLOS ENES*

A Operação Luz Verde (OLV) foi lançada no dia 24 de Março, em pleno pico da pandemia, para permitir aos doentes mais frágeis cumprirem o confinamento recomendado pelas autoridade de saúde. Doentes, com sida, cancro, transplantes, esclerose múltipla e outras doenças incapacitantes, que antes tinham de se deslocar regularmente aos hospitais só para levantarem os seus medicamentos, passaram a poder fazê-lo numa farmácia à sua escolha, próxima das suas casas.

Antes da OLV, doentes frágeis, muitos deles sem carro próprio, perdiam dias inteiros em transporte para levantar os seus medicamentos. Todos os meses, ou de dois em dois meses, faziam viagens de ida e volta entre Trás-os-Montes e o Porto, a Serra da Estrela e Coimbra, o Algarve e Lisboa, e até mesmo entre as ilhas e o continente.

Até ao momento, 48 centros hospitalares aproveitaram a disponibilidade dos farmacêuticos comunitários para fazer chegar o serviço a mais de 15 mil doentes, em média duas vezes a cada um. O Centro Hospitalar de Lisboa Central já garantiu 24.866 entregas. Ao todo, 2.344 farmácias comunitárias dispensaram medicamentos "hospitalares", com o devido aconselhamento aos doentes, ao domicílio sempre que por eles solicitado. A OLV está em fase de avaliação, durante a qual o serviço das farmácias é gratuito.

«A OLV é o resultado de uma excelente articulação entre farmacêuticos hospitalares e comunitários, em respeito pela vontade e a liberdade de escolha dos doentes», considera Humberto Martins, director da Área Profissional da Associação Nacional das Farmácias.



15.379
Doentes usaram o serviço

30.678
Dispensas de medicamentos

99,3 KM
Distância média poupada por doente

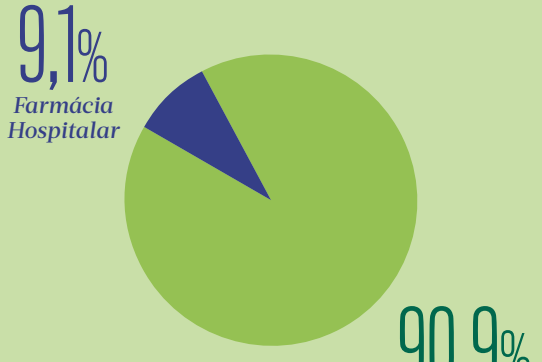
3.094.284 KM
Menos 77 voltas à terra

TEMPO MÉDIO DE DESLOCAÇÃO

119 MINUTOS
Farmácia Hospitalar

15 MINUTOS
Farmácia Comunitária

LOCAL DE PREFERÊNCIA PARA TER ACESSO AOS MEDICAMENTOS DEPOIS DA PANDEMIA



INDICAÇÃO TERAPÊUTICA DOS MEDICAMENTOS

23,6% ONCOLOGIA

23,5% VIH/SIDA

15,5% TRANSPLANTE

14% DOENÇA DE CROHN / COLITE ULCEROSA

7,3% ESCLEROSE MÚLTIPLA

AMOR À ARTE

Farmacêuticos manipulam medicamentos que curam.

A FÓRMULA DO FUTURO

FARMÁCIA MARQUES RAMALHO

AMORIM, PÓVOA DE VARZIM

REPORTAGEM: *VERA PIMENTA*
FOTOGRAFIA: *RICARDO CASTELO*

A farmacêutica Ana Mara Maia recorre a equipamentos semi-industriais na preparação de manipulados

Jesuína Leite chega à farmácia bem-disposta numa tarde de terça-feira. Veio levantar uma nova receita do medicamento da mãe, de 77 anos. O manipulado foi prescrito pelo cardiologista, quando os níveis de potássio da dona Zélia revelaram estar abaixo do normal. Sem alternativa comercial, foi na farmácia da freguesia de Amorim, onde vive, que encontrou solução para o problema.

O medicamento, embora não seja comparticipado, é essencial para controlar os valores do mineral e garan-

tir o funcionamento correcto do coração. «A minha mãe tem problemas cardíacos e se não houvesse o manipulado não sei como se resolvia a situação dela», desabafa a utente de 54 anos. Jesuína garante que é um alívio contar com o apoio da farmácia: «hoje é a minha mãe, amanhã posso ser eu».

A Farmácia Marques Ramalho é tratada carinhosamente por toda a gente, há 51 anos, como a "farmácia de Amorim", antiga freguesia rural e suburbana a 30 quilómetros do Porto, famosa pelas broas de milho vendidas à beira da estrada. Quando assumiu a gerência, em Julho de 2002, Cristina Azevedo soube que os seus sonhos não cabiam em 60 metros quadrados. Na altura, as obras permitiram-lhe melhorar as infra-estruturas e construir um pequeno laboratório, onde deu os primeiros passos na área dos manipulados. A curiosidade vinha já desde os tempos de faculdade. «Eu sempre considerei os manipulados uma vertente fulcral da farmácia», confessa.

Na Expofarma, maior feira nacional de novidades para as farmácias, fez o primeiro grande investimento em equipamentos. O homogeneizador, onde é feita a mistura dos componentes de pós, cremes e pomadas, é até hoje um aliado na hora de "pôr as mãos na massa".

Em 2008, a farmácia mudou para instalações mais amplas. Agora, na lateral da fila de balcões, uma pequena janela dá um vislumbre do laboratório. A magia acontece pelas mãos da directora-técnica e da jovem farmacêutica Ana Maria Maia, sua adjunta.

Ao homogeneizador junta-se o banho-maria, essencial para as preparações com componentes que precisam de ser fundidos a determinadas temperaturas; as balanças, calibradas anualmente; e a câmara de biossegurança, que permite manusear os materiais, reduzindo o risco de contaminação e garantindo a segurança das farmacêuticas.

:O CARDIOLOGISTA RECEITA, A FARMÁCIA PRODUZ, A DOENTE SOBREVIVE

A directora-técnica, Cristina Azevedo, investiu em equipamentos para aumentar a qualidade do laboratório da farmácia

«Temos de nos socorrer das farmácias para garantir formulações nas doses adequadas às crianças, sem condicionar a terapêutica», defende a pediatra Andreia Costa

MEDICAMENTOS MANIPULADOS SÃO A SOLUÇÃO PARA PREMATUROS E RECÉM-NASCIDOS

Para uma farmácia de aldeia investir na produção própria de medicamentos, precisa de conquistar a confiança dos prescritores. As especialidades médicas que mais procuram os manipulados são a Pediatria e a Dermatologia. Os veterinários também.

A pediatra Andreia Costa, especialista em neonatologia e cuidados intensivos pediátricos, explica que nos bebés, principalmente os prematuros, é essencial preparar formulações adaptadas ao peso e à imaturidade fisiológica inerente. «A criança não é um adulto em miniatura e, por isso, não podemos fazer extrapolações» – argumenta a médica, de 46 anos – «temos de nos socorrer das farmácias para garantir que as formulações são feitas sem condicionar a terapêutica». E dá o exemplo da vancomicina, utilizada no tratamento de infecções: existe em embalagens industriais de 50 miligramas, mas chega a ser necessário fazer formulações com 1 miligrama por quilo.

A Farmácia Marques Ramalho conta com a consultoria permanente do Laboratório de Estudos Farmacêuticos (LEF) da Associação Nacional das Farmácias (ANF), maior referência em Portugal na área dos manipulados. Este apoio permite-lhe dar sempre resposta a novas necessidades de médicos e utentes. «Sempre que aparecem formulações que nunca fizemos, pesquisamos e pedimos opinião ao LEF» – explica a farmacêutica – «sejam dúvidas sobre excipientes, incompatibilidades ou até mesmo para perceber se podemos formular aquela prescrição».

Com anos de formação e experiência na preparação de medicamentos manipulados, Cristina promove *workshops* e palestras dirigidas à comunidade médica e aos estudantes. Nestas sessões e no dia-a-dia, tem a missão de, passo a passo, dar conhecer a área dos manipulados. «Há quem pense que ainda estamos na Idade da Pedra» – brinca a farmacêutica de 47 anos, admitindo que, muitas vezes, é com surpresa que os profissionais de saúde se apercebem da evolução que a área tem sofrido.

«Os manipulados da farmácia permitem dar ao animal a dosagem certa», elogia Filipa Quintela, médica veterinária

A proprietária da Clínica Veterinária das Alamedas, em Vila do Conde, Filipa Quintela, tem sentido uma aproximação cada vez maior à farmácia, ao longo dos seus 16 anos de prática. «Os manipulados permitem dar ao animal a dosagem certa, garantindo o sucesso terapêutico», explica Filipa. Com a ajuda da farmácia, a veterinária consegue escolher a forma farmacêutica e até o sabor preferido pelos animais de companhia, o que facilita muito os tratamentos.

O Estado garante a comparticipação de 168 medicamentos manipulados de uso humano. Um número que, segundo Cristina, demonstra que o caminho está traçado, mas com margem para melhorar. «É a prova de que o Ministério da Saúde reconhece o valor e a necessidade dos manipulados na prática diária dos médicos», afirma a farmacêutica.

No escritório com vista para o laboratório, a directora-técnica mostra-se decidida a tornar a farmácia «cada vez mais diferenciada em manipulados». A sua estratégia é aprofundar «um triângulo de comunicação entre farmacêuticos, médicos e utentes, em que a saúde é a prioridade». Sorridente, lê um *post-it* amarelo colado na parede, com uma das suas citações favoritas: «A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo».

:OS ANIMAIS DE COMPANHIA PRECISAM DE DOSES QUE SÓ A FARMÁCIA FAZ

DOSES DE ESPERANÇA

FARMÁCIA RIBEIRO
VENDAS NOVAS, ÉVORA

REPORTAGEM: *IRINA FERNANDES* ***FOTOGRAFIA:*** *MIGUEL RIBEIRO FERNANDES*

Hospital Universitário de Oslo, Noruega. Há frenesim na sala de partos. O choro de Christian faz-se ouvir pela primeira vez. Tem 51 cm e 3.810 kg. O momento de alegria escapa-se. Algo não está bem. Abrem-se as portas do bloco operatório.

«A válvula do coração que transporta o oxigénio estava tapada. Teve de ser operado logo na primeira hora de vida», conta Camilla Hóyer, de 35 anos, recordando o dia 12 de Dezembro de 2018.

Christian Phillip Hóyer Dias tem agora um ano e nove meses. Já foi submetido a três cirurgias ao coração. Desde a primeira semana de vida sobrevive com um xarope de cloridrato de propranolol, medicamento beta-bloqueante, que promove a regularização da frequência cardíaca, protegendo-o de enfartes e outras crises.

A indústria farmacêutica não tem resposta para casos como o dele. O medicamento só está disponível no mercado em comprimidos, com uma dosagem mínima de 10 mg, tóxica até as crianças atingirem os dez quilos. A mãe ficou apreensiva e temeu o pior. «Como é que iríamos conseguir dar um comprimido a um bebé tão pequeno? Como iria engoli-lo?», perguntava-se.

A viver há três anos em Vendas Novas, distrito de Évora, encontrou a solução na Farmácia Ribeiro: propranolol em xarope, na dose adequada a recém-nascidos. «Comecei a fazer esta solução oral quando ele ainda não tinha um mês de vida. À medida que foi crescendo e ganhando peso, fui aumentando as concentrações», relata a farmacêutica Sílvia Morais. «A doutora Sílvia adicionou ao xarope aroma de morango, para ele gostar e tomar facilmente», conta a mãe, de coração reconhecido.

Quando Christian atingiu os dez quilos, passou a tomar o comprimido de fabrico industrial. «Misturo-o no iogurte, no leite e na comida. Mas é mais difícil. Tínhamos mais confiança quando lhe estávamos a dar o manipulado, porque sabíamos que o medicamento tinha sido consumido», assume Camilla. O filho vai mesmo voltar a tomar o xarope, antes de ser submetido a uma quarta cirurgia.

UM XAROPE FEITO NA FARMÁCIA PROTEGEU O RECÉM-NASCIDO CONTRA ENFARTES

Os pais querem ter a certeza de que «a quantidade certa está no corpo do nosso bebé».

A Farmácia Ribeiro apostou na produção de medicamentos manipulados assim que abriu as portas, em 1979. «No meu tempo, era quase tudo manipulados. Eu fazia hóstias, papéis, cápsulas, xaropes. Só depois entrou a caixinha de comprimidos, esporadicamente», recorda José António Ribeiro, o farmacêutico proprietário, que tem 45 anos de prática profissional.

Hoje, recebe centenas de receitas de terapêutica personalizada para doentes de todas as idades. Pediatras, dermatologistas e alguns otorrinolaringologistas lideram os pedidos. Manipula diversas suspensões orais e outras formas farmacêuticas. Não há em Vendas Novas e arredores quem não conheça, elogie e recomende a pomada para o rabinho dos bebés produ-

Christian sobreviveu graças a um medicamento preparado na farmácia

© CAMILLA OVE

O médico Carlos Reis inventou o remédio das assaduras em parceria com o farmacêutico José António Ribeiro. A cumplicidade continua com a directora-técnica da nova geração, Andreia Ribeiro

zida pela Farmácia Ribeiro há mais de 30 anos. De textura espessa e feita à base de lanolina – gordura retirada da lã do carneiro – é uma referência para tratar a dermatite da fralda. «A lanolina é um dos melhores hidratantes. Além de hidratar e preservar a pele à superfície, consegue evitar a saída excessiva da água da pele», especifica Sílvia Morais. Por ano, a farmácia produz no seu laboratório uma média de 200 unidades.

A pomada nasceu da cumplicidade criativa entre o farmacêutico José António Ribeiro e o especialista em Medicina Geral e Familiar Carlos Reis. «Naquela altura, o arsenal terapêutico era relativamente pobre. Utilizava-se corticóides tópicos por tudo e por nada nas crianças. Eu disse para o doutor José António: "Tenho aí umas ideias"», recorda o médico, de 71 anos, que exerceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, e no Centro de Saúde de Vendas Novas, antes de se reformar.

A eficácia da fórmula criada pelos dois amigos não se perdeu no tempo. «Quando o meu filho mais velho entrou para o berçário, as assaduras eram uma constante. Só passaram quando experimentei a pomada», conta Cátia Oliveira. A experiência adquirida com Tomás, de quatro anos, beneficia agora o irmão Gabriel, que tem seis meses. A técnica de análises clínicas, de 32 anos, garante que o filho mais novo não tem problemas porque usa a pomada em casa e na creche. «Usamos todos os dias e até temos em stock! Aconselhamos aos pais e eles acabam por gostar», conta Mara Simões, educadora de infância, que cuida de crianças dos quatro meses aos seis anos na Associação 25 de Abril, de Vendas Novas.

«É o voltar às nossas origens, à "farmácia botica". Os manipulados estão a emergir e ainda bem, porque dão respostas seguras», considera a directora-técnica, Andreia Ribeiro. A produção respeita escrupulosamente as receitas médicas e as instruções do Laboratório de Estudos Farmacêuticos (LEF) da Associação Nacional das Farmácias. Os consultores do LEF esclarecem quaisquer dúvidas sobre manipulação, a todo o momento. «Aqui não se pode falhar», vinca o farmacêutico proprietário.

Para Christian e Camilla Hóyer a luta pela vida continua: «Este manipulado trouxe-nos esperança».

A pesagem rigorosa dos componentes é fundamental para a qualidade e eficácia da pomada preparada na Farmácia Ribeiro

POMADA PARA ASSADURAS DOS BEBÉS É PROCURADA POR MUITA GENTE DE FORA

As balanças electrónicas de alta precisão permitem pesar com o máximo rigor as doses indicadas na prescrição médica

PELE DEBAIXO DE OLHO

FARMÁCIA PACHECO
OLHÃO

REPORTAGEM: *NUNO ESTEVES*
FOTOGRAFIA: *PEDRO LOUREIRO*

Antes da pandemia, ouvia-se falar francês nas ruas da Baixa de Olhão, junto aos mercados. O turismo cresceu nos últimos anos e agora os franceses ultrapassaram os britânicos e os povos do Norte da Europa. Nesta zona do Algarve, o turismo já não era sazonal, contam os habitantes da cidade piscatória a dez quilómetros de Faro, entre a serra do Caldeirão e a ilha da Culatra.

É no centro urbano que os olhanenses encontram, desde 2011, a moderna e espaçosa Farmácia Pacheco. Referência na produção de manipulados – medicamentos preparados nas farmácias segundo fórmulas descritas em compêndios e receitas médicas – é por esta via e pela qualidade no serviço que se quer diferenciar. Além dos vizinhos do bairro, muitos já amigos, chegam estrangeiros que compraram casa na região. A influência italiana

«SE O MÉDICO RECEITA UM MANIPULADO, O DOENTE SABE QUE NÓS TEMOS SOLUÇÃO»

foi decisiva na pujança que a cidade tinha há um século, quando havia mais de 40 fábricas de conservas de peixe. Hoje restam duas.

«Aqui ainda se vive do mar e da ria», diz José Luís Segundo, director-técnico, nascido em Lisboa há 45 anos. É o mais velho de três irmãos, terceira geração de farmacêuticos. O avô, Joaquim Pacheco, licenciou-se em 1943 e adquiriu logo a farmácia. O pai, José Mendes, foi oficial do Exército e, já contados 40 anos de vida, também decidiu tirar o curso de Ciências Farmacêuticas. Quase a chegar às oito décadas, o pai de José Luís ainda administra três farmácias familiares. «Cresci dentro de uma, na ilha da Fuseta», conta José Luís.

A produção de medicamentos na Farmácia Pacheco vem desde o tempo do avô Joaquim. Nessa época, era comum as farmácias prepararem fármacos para necessidades específicas, por não haver alternativa no mercado. Passados tantos anos, essa prática profissional está bem viva.

Que o diga Vitorino Santos Baganha. Um dia o médico disse-lhe que tinha psoríase, doença de pele crónica e não contagiosa. Não sabia o que era, mas conhecia de cor a vermelhidão e a comichão que sentia pelo corpo, que tanto o incomodavam.

Foi-lhe receitado um manipulado que combina ureia, um creme corticóide e um creme gordo. Percorre de carro as centenas de metros que separam o Centro de Saúde de Olhão da Farmácia Pacheco, onde lhe disseram que encontraria o medicamento. Pára à porta, a mulher sai e avia-lhe a receita. É assim há 15 anos, ainda a farmácia tinha instalações junto à "igreja dos funerais". De dois em dois meses o farmacêutico João Rego sabe o que tem de fazer no laboratório para aliviar as coceiras do olhanense.

Puxado pela nossa reportagem, hoje Vitorino estacionou e entrou. Mal nos vê, enche o peito, levanta a voz e atira, orgulhoso: «Ainda guio o carro». Percebe-se porquê. Conduzir foi o único modo de vida que conheceu, como motorista de pesados e ao volante do seu táxi. «Viajei por toda a Europa», exclama, com os olhos grandes e a pele sem rugas. Nem parece ter 88 anos, feitos em Março. «Ponho a pomada e passa-me logo a comichão», garante. «É assim, funciona», diz, com um abrir de braços.

O casal vive em Quelfes. São octogenários, mas muito jovens de espírito. Maria do Carmo Pereira, 85 anos, é a estafeta. Passou a vida a tratar da casa. Agora é tratada a uma pedra no rim, no Egas Moniz, em Lisboa. Vem aviar pelo marido pois «está muito surdo», afirma, apoiada numa canadiana.

Desde há dois anos que aparecem em Olhão casos de sarna humana, doença cutânea infecciosa e contagiosa. O ácaro escava um orifício na pele, entra e ali faz a sua toca. No final de 2019, Rui Filipe foi uma das vítimas, depois do filho de seis anos ter apanhado na escola. Pedro estava coberto de bolhas de pus. «Tinha o corpo todo cortado e nem conseguia fechar as mãos», recorda o pai, mostrando fotos no telemóvel. Apanhar sol e transpirar activavam a terrível comichão, que tornava as noites dos Filipes «um pesadelo».

O cantoneiro na empresa municipal Ambiolhão passou por um calvário. No Hospital de Faro, prescreveram um antiparasitário para besuntar o corpo, mas não surtiu o efeito desejado. Seguiram-se banhos de 30 minutos com água morna e sal, três vezes ao dia durante duas semanas. Já aflito, recorreu ao Google, onde descobriu uma mistura de vinagre e álcool, que passava no colchão.

A médica de família receitou-lhe um outro antiparasitário, que deu novamente em nada. O desespero instalou-se. Foi então que a mesma médica do Centro de

«Cresci numa farmácia», conta José Luís Segundo, farmacêutico de terceira geração

Saúde de Olhão se lembrou de receitar um medicamento manipulado à base de enxofre. «Vim por três vezes buscar a pomada, que é feita nesta farmácia», recorda Rui. Um mês depois dos primeiros sintomas, Filipe pai e Filipe filho estavam curados.

A cumplicidade de Rui com o farmacêutico João Rego é evidente. Talvez por terem a mesma idade, 28 anos. Ou por este ter preparado o manipulado que devolveu o bem-estar aos dois Filipes. «Foi o que nos valeu, já não sabia o que fazer», lembra, em jeito de gratidão.

«Quando faço uma pomada de enxofre, sei que vão chegar mais receitas, por causa da contaminação», explica o farmacêutico, há cinco anos na farmácia. Voou para Espanha, em Erasmus, antes de aterrar na "Cidade do Mar" ou "Capital da Ria Formosa", como é conhecida Olhão. João Rego aprendeu a preparação na Universidade da Beira Interior e agora está à frente da Unidade de Produção de Manipulados da farmácia.

As farmácias podem, a todo o momento, recorrer ao Centro de Informação de Medicamentos de Preparação Individualizada, instalado no Laboratório de Estudos Farmacêuticos (LEF) da Associação Nacional das Farmácias. «É a melhor fonte de informação que posso ter em caso de dúvida», refere João Rego.

A Farmácia Pacheco produz manipulados para as outras duas farmácias da família, mas também para mais farmácias da região. O crescimento da procura levou à fixação de uma farmacêutica na unidade de produção. No ano passado, Sara Margalha, de sotaque alentejano cerrado e sorriso fácil, um ano mais velha, veio de propósito da Farmácia da Ria, do centro comercial Algarve Outlet.

A pomada de enxofre tem procura, mas mais tem a de afito, um anti-inflamatório e analgésico de uso pediátrico. A farmácia produz, em média, 30 por mês. Durante todo o ano, também prepara álcool boricado, desinfectante com acção bacteriostática e fungicida. É prescrito pelos médicos para as dores de ouvidos e usado por nadadores. Para garantir a segurança, qualidade e eficácia, é preciso seguir as boas práticas de preparação relativas às instalações e ao material de laboratório, e a ficha de preparação de cada manipulado que é produzido.

«QUANDO FAÇO UMA POMADA DE ENXOFRE, SEI QUE VÃO CHEGAR MAIS RECEITAS», DIZ O FARMACÊUTICO

Longe vai o tempo em que os utentes pediam chá Reis (nome da farmácia na origem da Mendes Segundo, que a família adquiriu na Fuseta), um laxante usado nos anos 60. O mesmo aconteceu com o xarope de extracto de quina e ferro, fortificante que tinha na composição... Vinho do Porto. Inclusive o trimetoprim, xarope para tratar infecções urinárias em bebés e crianças, que a Farmácia Pacheco produzia para outras farmácias, deixou de ter procura aqui.

O que não caiu em desuso foi a comunicação entre a farmácia e os médicos sempre que há dúvidas de interpretação da receita de um manipulado. «Nessa altura,

A farmácia produziu medicamentos para responder a um surto de sarna

«Ponho a pomada feita na farmácia e passa-me logo a comichão», conta Vitorino Baganha, 88 anos, vítima da psoríase desde há 15 anos

Os remédios industriais falharam com Rui Filipe. Foi só na farmácia que encontrou cura para a sarna

No laboratório da farmácia são cumpridas rigorosas normas de vestuário e de utilização de equipamentos de protecção individual

falamos, em prol do doente», afirma José Luís Segundo. Para a Farmácia Pacheco, a produção de medicamentos é «uma área de pesquisa e desenvolvimento» e uma aposta de futuro, estando agendada para Outubro uma formação à medida, pelo LEF. É com contentamento que o director-técnico declara: «Se têm uma receita para manipulado, os doentes sabem que o podem encontrar na nossa farmácia».

:FARMÁCIA VENCEU SURTO DE SARNA

A HISTÓRIA NÃO SE MANIPULA

TEXTO:
PAULO MARTINS
E MARTA SILVA

FOTOGRAFIA:
PEDRO LOUREIRO

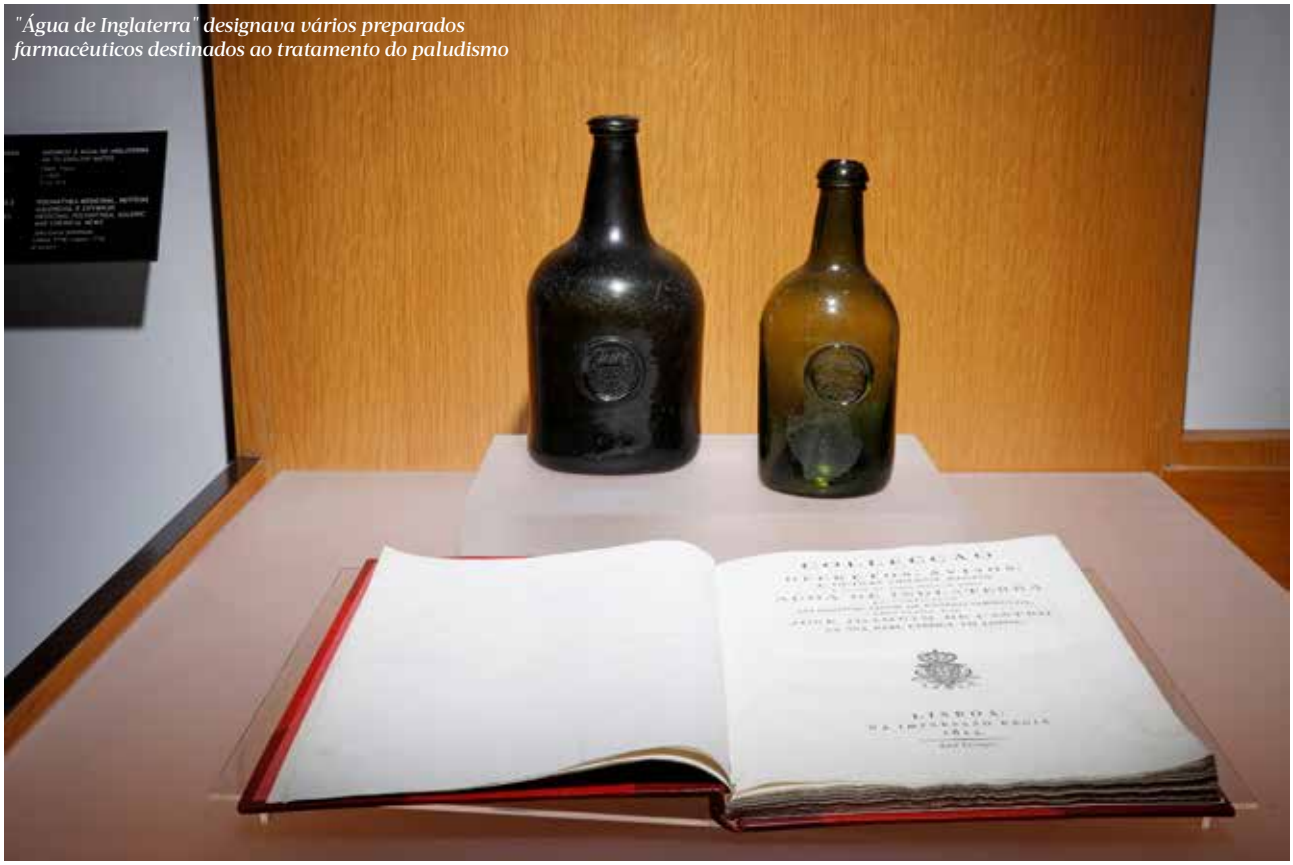
NOS ANOS 50, A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA IMPÔS-SE E A MANIPULAÇÃO CAIU A PIQUE

«Desde que o farmacêutico tem de ocupar-se menos da sua arte de manipular fórmulas do que do simples comércio de remédios que não preparou, os conhecimentos científicos adquiridos laboriosamente tornam-se uma inutilidade ridícula». O desabafo de Almeida Pinto, vertido em 1952 no n.º 78 do Boletim do Grémio Nacional das Farmácias, é filho da frustração de quem se sentia profissionalmente numa «situação deprimente e vexatória». Para o ex-presidente do Grémio, os laboratórios só deveriam produzir medicamentos no caso de a farmácia ser incompetente para o fazer, de a produção redundar em benefício económico para o consumidor, ou de corresponder a uma fórmula específica. Não estando, a seus olhos, preenchido qualquer destes requisitos, defendia a recondução da farmácia à sua função natural.

Qual rolo compressor, porém, a indústria farmacêutica já empurrara as manipulações para escassos dez por cento do volume de receituário. Quatro anos depois, quando outro antigo dirigente do Grémio Nacional das Farmácias, Silva Carvalho, abordou a evolução do sector – em artigo no Boletim n.º 93, de 1956, significativamente intitulado "Prestígio e decadência da farmácia" – aquele mercado encolhera para metade. Acertava, por isso, na muche, ao reconhecer que o farmacêutico se deixou ultrapassar, tornando-se mero intermediário entre o fabricante e o público, visto pelos utentes «como um "semi caixeiro" de fazendas manufacturadas».

A tendência já não seria invertida. Os manipulados não tinham só perdido mercado; há muito tinham perdido encanto – uma certa aura de alquimia associada aos boticários de outrora, a poções, emplastros, unguentos e chás. Na Idade Média, o processo que empreendiam, essencialmente mecânico, não exigia conhecimentos teóricos. Daí que resistissem às técnicas químicas, quando em finais do século XVII e início do seguinte se generalizaram. As boticas nem sequer dispunham de instalações e equipamentos necessários.

Não, não desapareceram por artes mágicas instrumentos indispensáveis à preparação de drogas e compostos, como o pilão e o almofariz, símbolo perene da



"Água de Inglaterra" designava vários preparados farmacêuticos destinados ao tratamento do paludismo

profissão farmacêutica. Simplesmente, a função ganhou, progressivamente, contornos mais definidos. A manipulação de acordo com fórmulas receitadas por médicos obrigou a uniformizar a prática destes profissionais e a assegurar que a dispensa correspondia à prescrição, através de um quadro de saberes farmacêuticos consolidado. As farmacopeias – a primeira oficial, em Portugal, data de 1794 – cumpriam esse papel.

A arte de misturar e separar substâncias através de processos químicos é devedora das concepções de Paracelso. O médico suíço-alemão, que também aprendeu ocultismo e artes mágicas, acreditava na possibilidade de produzir um medicamento específico para cada doença. Ao mudar o paradigma, para uma filosofia natural de base química, rompeu com a medicina tradicional, que remontava a Galeno.

Como o galenismo sobreviveu até ao século XVIII, popularizaram-se em Portugal os "remédios secretos". O mais conhecido é a "água de Inglaterra", nome de diversos preparados farmacêuticos baseados em vinhos de quina, para tratar o paludismo. Inicialmente importada de Inglaterra, disseminou-se graças à rede de distribuição montada pelo médico Castro Sarmento. Ficaram na história, também, os "segredos curvianos", de outro clínico, João Curvo Semedo.

«O século XIX e os primeiros anos do século XX marcam diversas transições na farmácia: do boticário, produtor de medicamentos, para o farmacêutico; da farmácia enquanto arte para a ciência farmacêutica; da botica para a farmácia», agora beneficiária do «rigor do microscópio e da balança», assinala João Rui Pita na obra "Dos manipulados à indústria dos medicamentos: ciência e profissão farmacêutica em Portugal (1836-1921)".

A "ÁGUA DE INGLATERRA" ERA O MAIS POPULAR DOS "REMÉDIOS SECRETOS"

Publicidade a medicamento da Companhia Portuguesa de Higiene, primeiro grande investimento nacional na indústria farmacêutica

Experientes na produção de medicamentos a partir de plantas, foram os farmacêuticos que, no século XIX, descobriram nelas agentes activos. Como refere Paula Basso em "A farmácia e o medicamento: Uma história concisa", «a eficácia do princípio activo, agora concentrado como uma substância química em vez de disperso numa droga vegetal, significou que a pureza, a potência, a padronização e a dosagem podiam ser então controladas». Não por acaso, da comissão que elaborou a Farmacopeia de 1876 fizeram parte vários farmacêuticos, como José Tedeshi, Claudino Vicente Leitão, Urbano da Veiga e Pedro José da Silva.

Por essa altura, Pedro Augusto Franco comercializava vinho nutritivo de carne, por si criado. O farmacêutico inventou ainda o xarope peitoral "James", patenteado em 1869, e a farinha peitoral ferruginosa. A Farmácia Barral & Irmão era na época famosa pelos seus manipulados, como o creme Barral. Tão famosa que se tornaria a principal fornecedora do Estado.

Na segunda metade do século XIX, Manuel Vicente de Jesus revelou pioneirismo na produção de pílulas de proto-iodeto de ferro, preparadas segundo o processo de Blancard. Emílio Estácio fundou em 1891 a Companhia Portuguesa de Higiene, primeiro investimento relevante da indústria farmacêutica nacional. Em 1894, foram instalados na Farmácia Andrade, em Lisboa, dois laboratórios – um de análises, outro de esterilizações, o primeiro do género montado no país. Nos alvores do século XX, o Laboratório Normal, do farmacêutico Adriano Mourato Vermelho, apostou na comercialização de Dynamol, um tónico estimulante.

Em "História da Farmácia", João Rui Pita nota que após a I Guerra Mundial «as farmácias continuam a produzir os medicamentos magistrais, mas a indústria farmacêutica galopava na intenção de ultrapassar esse exclusivo das farmácias de oficina». Foi a rendição do formulário magistral ao nome comercial do medicamento que justificou as referidas queixas dos dois dirigentes do Grémio. É que anúncios para recrutamento de ajudantes de farmácia publicados em meados do século XX no Boletim poderiam dispensar a exigência de conhecimentos de manipulação, conservando apenas traços de carácter do farmacêutico que é suposto resistirem à erosão dos tempos: «honesto, atencioso, apresentável».

PARENTES POBRES

Margem das farmácias em Portugal é a mais baixa da Europa.

TEXTO: *CARLOS ENES / IRINA FERNANDES*

A margem de comercialização das farmácias portuguesas continua a ser a mais baixa da Europa, a par da Roménia. Desde 2011, tem vindo a sofrer uma redução progressiva, na casa dos 2,4 pontos percentuais. Os dados foram apurados pela Federação Europeia de Indústrias e Associações Farmacêuticas (EFPIA).

A análise da EFPIA incide sobre os medicamentos com margens regulamentadas pelo Estado. Em Portugal, isso só acontece nos medicamentos comparticipados pelo Serviço Nacional de Saúde (SNS). Desde que a comercialização da maioria dos medicamentos não sujeitos a receita médica foi aberta aos supermercados, o respectivo preço passou a ser livre, ao contrário do que sucede noutros países.

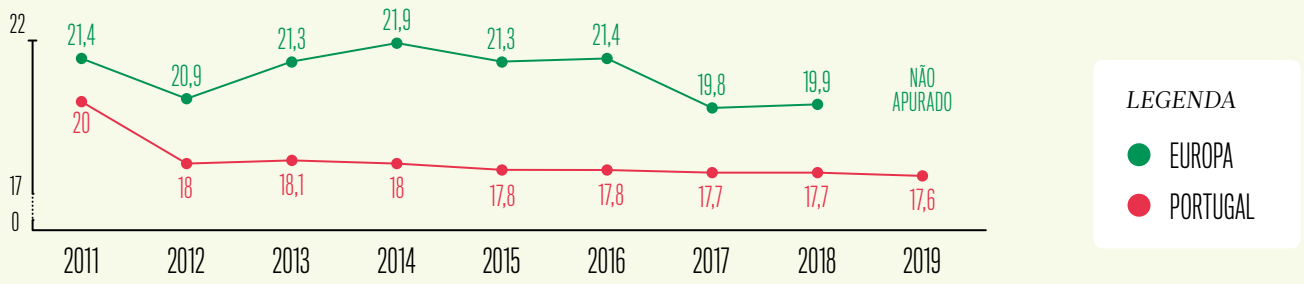
Em 2019, a margem real das farmácias nos medicamentos comparticipados pelo SNS foi de 17,6 por cento do preço de venda ao público (PVP). Já a margem média praticada na Europa era de 19,9 por cento em 2018, último ano com dados apurados no relatório "*Pharmaceutical Industry in Figures 2013-2020*". As farmácias podem ainda fazer descontos no PVP desses medicamentos, cuja publicidade é proibida, o que só acontece em Portugal. A Ordem dos Farmacêuticos tem alertado para os riscos para a Saúde Pública e para a sustentabilidade das farmácias mais pequenas desta originalidade portuguesa.

O Estado exclui as farmácias do seu próprio critério legal para fixar o valor dos medicamentos, que aplica apenas à indústria farmacêutica. O PVP dos medicamentos comparticipados, nos termos da lei, é igual à média de preços fixados em Espanha, França, Itália e Eslovénia. A margem das farmácias em Portugal é 36,6% mais baixa do que a margem média legal praticada pelas farmácias desses quatro países.

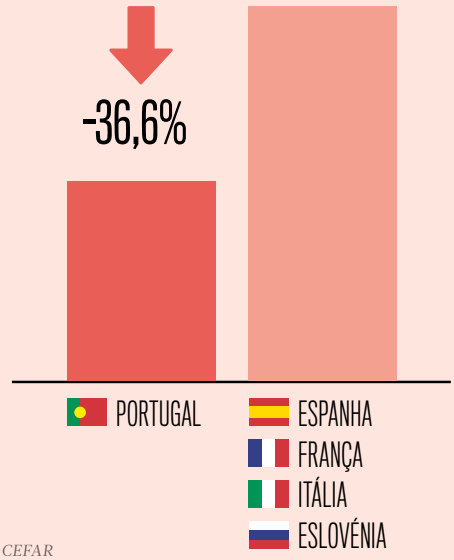
O contínuo desinvestimento do Estado conduziu a rede de farmácias comunitárias a uma crise sem precedentes. A dispensa de medicamentos comparticipados pelo SNS deixou de cobrir os custos, designadamente com pessoal, instalações e equipamentos. De acordo com a Universidade de Aveiro, o prejuízo desse serviço para a farmácia média quase duplicou em dois anos [ver indicadores económicos na página ao lado]. Só um terço das farmácias suporta os custos desse serviço público.

Portugal tem vindo a divergir da Europa quanto ao investimento público no serviço farmacêutico. Em 2011, a margem média de comercialização das farmácias europeias era de 21,4 por cento, contra 20 por cento das farmácias portuguesas. Em 2018, essa discrepância já atingia 2,2 pontos percentuais. A margem portuguesa voltou a cair em 2019, ano de que ainda não há dados apurados pela EFPIA.

MARGEM DE COMERCIALIZAÇÃO DAS FARMÁCIAS
*PORTUGAL **VS.** EUROPA*

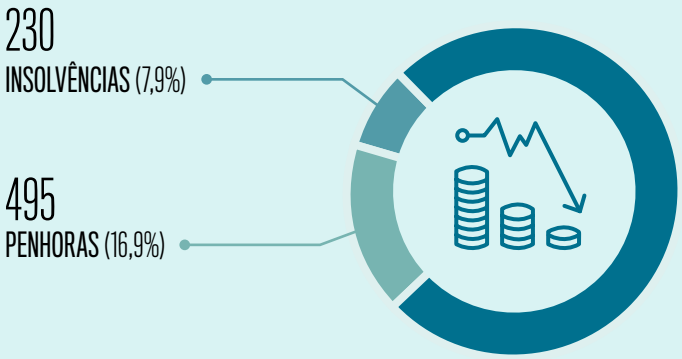


PORTUGAL VS. PAÍSES PREVISTOS NA LEI PORTUGUESA



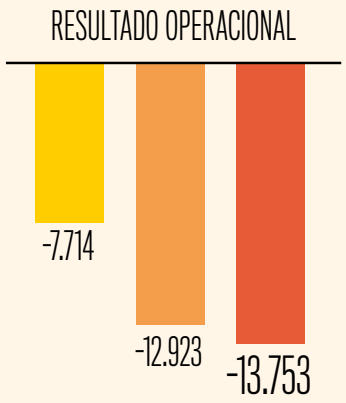
FONTE: *EFPIA / CEFAR*

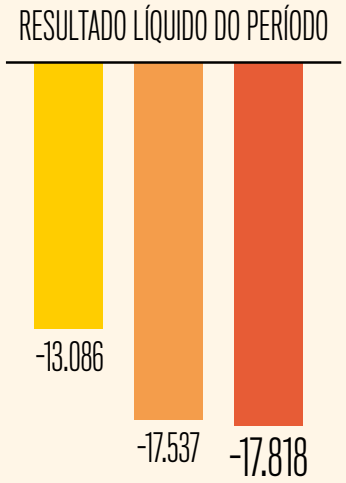
FARMÁCIAS EM CRISE



FONTE: *CEFAR, AGOSTO 2020*

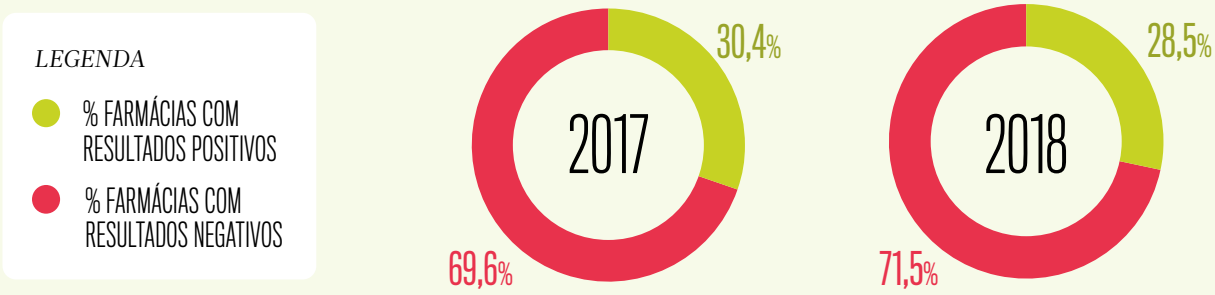
INDICADORES ECONÓMICOS *FARMÁCIA MÉDIA*





FONTE: *UNIVERSIDADE DE AVEIRO*

DISTRIBUIÇÃO DAS FARMÁCIAS DE ACORDO COM O RESULTADO LÍQUIDO



FONTE: *UNIVERSIDADE DE AVEIRO*

SARA CERDAS
EURODEPUTADA

«CADA EURO INVESTIDO EM SAÚDE MULTIPLICA-SE POR 14»

ENTREVISTA:
CARINA MACHADO
FOTOGRAFIA:
MIGUEL RIBEIRO FERNANDES

nto Europeo
ινοβούλιο
europeo
rlement
lament
rlament
ment
Europa-Par
Parlement
Europos Parlam
ski
Parlamento E
tti
Europaparlam

REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA (RFP): **É verdade que em criança já sonhava ser médica, mas também pintar prédios?**
SARA CERDAS (SC): Sim [risos]. Tanto eu como o meu irmão tivemos muita liberdade para sonhar. Os nossos pais sempre nos disseram que nos apoiariam, independentemente das nossas escolhas. Mas também nos incutiram que os resultados chegam com esforço. Pintar prédios encantava-me, não sei porquê. A Medicina foi o meio que encontrei para realizar a minha imensa curiosidade relativamente ao funcionamento do corpo humano. A curiosidade foi sempre o meu motor. Fiz sempre muitas perguntas: Porque é que uma colega tinha melhores resultados do que eu na natação? O que tornou possível que uma das pessoas mais importantes da minha vida desaparecesse em apenas três meses, com cancro?

RFP: **E a política?**
SC: A política surgiu através da própria Medicina. Costumo dizer que a especialidade que escolhi, Saúde Pública, é a mais política de todas. Sempre procurei perceber como é que as condições em que nascemos, vivemos, trabalhamos e morremos influenciam e são influenciadas pelo nosso bem-estar. A Saúde Pública permite ao médico ter à sua frente toda uma população, não apenas um doente. Isso é algo fascinante.

RFP: **Como encarou o convite do Partido Socialista-Madeira para integrar a lista do partido às eleições europeias?**
SC: Aceitei-o de braços abertos. A minha ideologia identifica-se com a ideologia do Partido Socialista. Até me tornei militante! Para mim é uma causa. Quero contribuir para a vida partidária. Somos oposição, não conseguimos superar o desafio maior de ganhar o Governo, mas temos um belo projecto para mudar e melhorar a Madeira com o contributo de todos. Foi exactamente nesse espírito que fui recrutada da sociedade civil, para trazer ao Parlamento Europeu as minhas vivências e um pouco daquilo que é a juventude, somados às linhas do PS-Madeira e do PS nacional.

RFP: **Como foi fazer campanha para umas eleições que suscitam sempre pouco interesse popular?**
SC: Não foi só tirar o peixe da água: foi pô-lo na montanha! Foi um desafio tentar explicar a posição de Portugal e o que a União Europeia significa para nós. Em especial para a Madeira, sendo uma região ultraperiférica, com tudo o que isso implica. Mas foi um belo momento, guardo-o com muito carinho. Permitiu-nos delinear um dos grandes objectivos deste mandato: a criação de condições para que os cidadãos madeirenses conheçam melhor o projecto europeu e o que ele representa nas suas vidas. Nisto, a proximidade é uma pedra basilar, e faço questão de não perder o elo de ligação com a região e os meus constituintes.

«O MAIOR SUCESSO DO MEU MANDATO SERÁ REDUZIR A ABSTENÇÃO»

RFP: **Foi por isso que abriu na Madeira o Gabinete da Europa?**
SC: A proximidade é um dos objectivos do meu mandato. Estamos nas redes sociais e no nosso website, mas o contacto presencial é importante, para que os cidadãos sintam que têm um acesso fácil ao eurodeputado. Promovemos ainda duas iniciativas de envolvimento com os cidadãos: o concurso *Europe Calling* e o Roteiro Geração Madeira. O concurso resulta da percepção, durante a campanha, de um certo afastamento dos mais jovens relativamente às temáticas europeias. É uma iniciativa dirigida aos alunos do ensino secundário, para que possamos enraizar desde cedo a importância da União Europeia. Já o Roteiro, que nos levará ao longo do ano aos 11 concelhos da região, pretende ser uma iniciativa de democracia participativa e consequente.

RFP: **Consequente?**
SC: Sim, não estamos ali só para uma conversa. Discutimos com as pessoas os mais diversos assuntos, e desses fóruns já surgiu, por exemplo, uma pergunta à Comissão Europeia, que esperamos venha a resultar também numa intervenção em plenário. Sabe? O maior indicador de sucesso do meu mandato seria a diminuição da taxa de abstenção. Queremos que mais pessoas se envolvam, exerçam o seu direito de voto e participem nas eleições para o Parlamento Europeu.

Sara Cerdas foi considerada uma das eurodeputadas mais influentes do Parlamento Europeu na área da Saúde

A EURODEPUTADA NADADORA

Sara Alexandra Rodrigues Cerdas, nascida e criada no Funchal, foi a grande surpresa do PS na lista de deputados às eleições europeias de 2016. A médica especialista em Saúde Pública ainda não tinha 30 anos quando recebeu «de braços abertos» o desafio dos socialistas madeirenses. Consequente, não só abraçou a política como a militância partidária. A insularidade sempre a levou a mergulhar decidida nas coisas. Foi campeã regional e nacional de natação, pelo Clube Naval do Funchal, e integrou a Selecção Nacional na categoria de juvenis. Na política, também nunca se sentiu fora da água. Quando entrou na Faculdade de Medicina de Lisboa envolveu-se logo na associação de estudantes – e nunca mais parou. Como representante das federações nacional e internacional de estudantes de Medicina, participou, muito jovem, em reuniões da Organização Mundial da Saúde e dos CDC, *Centers for Disease Control and Prevention*, prestigiada autoridade de saúde dos Estados Unidos. No Parlamento Europeu, é uma estrela em ascensão. Bastou-lhe o primeiro ano de mandato para ser considerada a segunda deputada mais influente na área da Saúde, pela organização independente *VoteWatch Europe*. O Grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas escolheu-a para relatora do novo programa de Saúde da Comissão Europeia, o mais ambicioso até hoje. Vive entre Bruxelas, Estrasburgo e... a Madeira natal. Tem um gabinete no Forte de Nossa Senhora do Amparo, belo edifício histórico com 500 anos, no Machico. Fora do Funchal, porque para ela é sempre bom «descentralizar mais um pouco».

«Temos batalhado muito, no Parlamento Europeu, para que a visão sobre a Saúde vá muito além da prestação de cuidados», conta Sara Cerdas

RFP: **Falta-nos identidade europeia?**

SC: Acho que ainda não nos sentimos verdadeiramente cidadãos europeus. Somos mais atentos quando os assuntos são debatidos em Portugal. Mas os 450 milhões de cidadãos europeus podem votar para escolher 751 deputados – e quem serão esses 751 deputados vai condicionar muitas coisas. Esquecemo-nos que o voto e a abstenção nestas eleições têm consequências reais.

«O Parlamento Europeu toma muitas decisões com impacto no nosso dia-a-dia», lembra a eurodeputada

RFP: **Pode dar exemplos?**

SC: A crise de refugiados no Mediterrâneo. Por apenas dois votos, a proposta de resolução que basicamente dizia vamos salvar vidas, vidas de pessoas reais, chumbou. Por dois votos! Isto é algo trágico. Para mim, que estava no plenário, foi um murro no estômago. E nós, eurodeputados, não decidimos apenas se vamos ou não salvar aquelas vidas. Decidimos sobre a qualidade do ar que respiramos, da nossa água, dos medicamentos que temos e que tomamos, sobre a acessibilidade aos mesmos e aos cuidados de saúde, sobre a inteligência artificial e a transição digital, sobre a nossa posição no mundo geopolítico, o nosso posicionamento ecológico... Temáticas, todas elas, que influenciam o nosso quotidiano e vários momentos da nossa vida. Muitos cidadãos ainda não perceberam isto.

RFP: **Como acolheu a distinção como segunda eurodeputada mais influente na área da Saúde?**

SC: Com muita honra. Para mim é um orgulho, no primeiro ano de mandato, receber esta distinção. Acima de tudo, e tendo em conta que o colega posicionado à minha frente tem 26 anos de Parlamento Europeu, é um sinal de que eu e a minha equipa estamos no rumo certo. Sem dúvida que nos dá ainda mais e maior motivação para trabalhar e continuarmos a melhorar a saúde e a vida das pessoas na União Europeia.

RFP: **O Grupo de Trabalho da Saúde integra a maior comissão do Parlamento Europeu: Ambiente, Saúde Pública e Segurança Alimentar, conhecida por ENVI. O que se pretende com a incorporação da Saúde no Ambiente?**

SC: A própria dimensão da ENVI, com 81 membros, mostra bem o foco e o cuidado que se pretende colocar nestas questões, profundamente relacionadas. O Ambiente está intrinsecamente ligado à Saúde Pública, é uma das grandes determinantes da doença e do bem-estar das populações, por isso tem de ser protegido. Antes, olhávamos a natureza como um dado adquirido, não era algo em que se pensasse muito. Hoje, a protecção ambiental está na ordem do dia. Foi declarada uma emergência climática e, como diz a Greta Thunberg, não existe um planeta B. Há imensos estudos que nos mostram, sem espaço para equívocos, não apenas os impactos directos das alterações climáticas sobre a saúde, mas também os indirectos. Veja que, embora sem estatuto próprio ainda, já existem refugiados climáticos.

«A COVID-19 TROUXE UMA NOVA CONSCIÊNCIA: A SAÚDE É PLANETÁRIA»

RFP: **A pandemia de COVID-19 veio evidenciar ainda mais a necessidade de olhar o Ambiente e a natureza com outros olhos...**

«FARMÁCIAS SÃO A PRIMEIRA INTERFACE ENTRE AS PESSOAS E OS SISTEMAS DE SAÚDE»

SC: Trouxe uma nova consciência sobre o conceito de saúde planetária, sobre o círculo fechado que representa o impacto da actividade humana no ambiente e como isso se reflecte novamente nas populações.

RFP: **E multiplicou a importância e o pacote financeiro destinado à Saúde.**

SC: A Saúde está e continuará a estar no centro da discussão da política europeia. No novo quadro financeiro plurianual 2021/27, passámos de um envelope de pouco menos de 500 milhões de euros para 9,4 mil milhões de euros. É uma diferença... substancial! A pandemia do SARS-CoV-2 pôs em absoluta evidência junto dos que não sabiam, ou estavam pouco atentos, a interconexão da Saúde com todos os outros sectores. Ficou comprovado que, sem Saúde, não há sector social, nem sector económico.

RFP: **A União Europeia nunca tinha enfrentado uma crise assim.**

SC: As políticas europeias e legislativas tiveram de sofrer uma readaptação completa num curto espaço de tempo, de modo a que a União Europeia pudesse dar uma resposta coordenada, não apenas no combate à COVID-19, mas também na disponibilização rápida dos mecanismos financeiros para a flexibilização do financiamento dos Estados-Membros. Conhecemos o *lay-off* português: é só um exemplo. Temos batalhado muito no Parlamento Europeu para que a visão sobre a Saúde vá muito além do sector da prestação de cuidados, tantas vezes olhado como um fardo consumidor de recursos. A Saúde tem de ser vista com uma abrangência muito maior e ser encarada como um investimento.

RFP: **Foi nomeada pelo seu grupo político no Parlamento Europeu relatora do novo programa de Saúde da Comissão Europeia, o EU4Health, o tal para o qual foram propostos 9,4 mil milhões de euros. Acha que é agora que a Saúde passa a ser investimento, em vez de despesa?**

SC: No grupo dos socialistas e democratas estamos a trabalhar para que a Saúde conste verdadeiramente em todas as políticas.

RFP: **E como se pode tornar essa visão realidade?**

SC: Avaliando o real impacto de todas as políticas sobre a saúde das populações, e não apenas sobre os cuidados de saúde. E trabalhando em intervenções a longo prazo. O conceito não é novo, foi trazido à discussão pública em 2007, com a Presidência finlandesa do Conselho Europeu. Sei que estou a falar de um ponto de vista macro, mas se formos explorar toda a legislação europeia percebemos concretamente onde, e de que forma, podemos actuar. E garanto-lhe que existe uma grande margem de manobra.

RFP: **Ainda vamos agradecer à crise pandémica essa transformação?**

SC: Seria excelente se assim fosse, mas se vir o debate de há dois dias sobre o EU4Health verificará que ainda há metade dos meus colegas eurodeputados que falam da Saúde referindo-se à doença, ou seja, à prestação de cuidados. Claro que, olhado por outro prisma, significa que 50 por cento já perceberam a envolvência real da saúde com todas as áreas da sociedade. A revisão sistemática dos estudos com melhor evidência científica em Saúde Pública revela que, por cada euro investido, temos um retorno a longo prazo, em termos sociais e de saúde, de 14 euros. Imaginemos que aplicamos os 9,4 mil milhões em intervenções de Saúde Pública, e obtemos um

«TEMOS DE TRABALHAR JUNTOS NA PREVENÇÃO E NA TRANSIÇÃO DIGITAL EM SAÚDE»

«A Medicina foi o meio que encontrei para realizar a minha imensa curiosidade relativamente ao funcionamento do corpo humano»

«A Saúde Pública permite ao médico ter à sua frente toda uma população, não apenas um doente, o que é fascinante»

«FARMÁCIAS SÃO ESSENCIAIS PARA A COESÃO SOCIAL»

***RFP:* Viajou muito pelo arquipélago na campanha eleitoral e continua a fazê-lo depois de eleita. O que encontrou sobre o papel das farmácias?**

SC: A costa Norte, por exemplo, era uma zona agrícola, e muitas pessoas emigraram para a Venezuela e outros países. Para quem ficou, as farmácias têm um papel incrível, porque é através delas que a população contacta com o sistema de saúde. Conheci esta realidade melhor, em primeira mão, quando falava com as pessoas e me diziam: «Ah, o centro de saúde fica lá em baixo. Vou antes aqui à farmácia». Percebi também que "ir à farmácia" não é só uma questão de saúde. É o momento de sair de casa, de conversar um pouco com alguém, ver outras pessoas. Esta dimensão de combate à solidão tem de ser equacionada. As farmácias não contribuem só para a coesão territorial, também são fundamentais para a coesão social.

***RFP:* A pressão sobre os cuidados primários poderá ser aliviada com o contributo da rede de farmácias?**

SC: Não só sobre os cuidados primários, mas toda a rede de cuidados: primários, secundários e até terciários. As farmácias e os seus profissionais têm um papel fundamental no sistema de saúde. Podemos pensar nelas não apenas na componente importante da dispensa do medicamento, mas enquanto agentes da literacia em saúde e da educação para a saúde, onde podem ser até pivôs, dada a sua proximidade e contacto directo com os cidadãos. Pessoas mais informadas tendem a fazer escolhas mais saudáveis.

retorno valorizado em 14 vezes mais: isto só pode ser um excelente investimento! Sociedades saudáveis, com bons recursos, boa acessibilidade a cuidados de saúde, mas também com boas condições de habitabilidade, boas condições sociais e de emprego, permitem-nos mais ganhos em saúde e menos carga de doença. E se quisermos falar em patologias, podemos trabalhar para uma melhor prevenção primordial, em termos legislativos, e primária, no sentido de capacitar os cidadãos para a tomada de decisões mais acertadas e estilos de vida mais saudável. Isto levar-nos-á, mais uma vez, a pessoas mais produtivas, não apenas nos empregos, mas nas relações sociais, familiares, pessoais.

***RFP:* Como é que encaixa o papel das farmácias nessa visão?**

SC: As farmácias são o primeiro, e muitas vezes a última interface entre as pessoas e os sistemas de saúde. Isso coloca-as num ponto central, não apenas na organização dos sistemas de saúde, mas também da sociedade. Pretendemos, por isso, desenvolver uma boa articulação com o sector neste novo programa para a Saúde.

***RFP:* Que missões o EU4Health deverá pedir às farmácias?**

SC: Prevenção primária, uma das nossas prioridades. É uma área onde existe um potencial enorme. A transição digital em saúde é outra vertente. Precisamos de melhores dados, mais fiáveis, com boa segurança e confidencialidade, e as farmácias podem ser boas fontes. De resto, e de um modo mais lato, estamos a trabalhar numa proposta – de que também fui relatora – sobre a escassez de medicamentos na União Europeia. Como é que os Estados-Membros podem comunicar entre si para perceber as reais necessidades e salvaguardar a acessibilidade? Também percebemos nesta pandemia que, por exemplo, 80 por cento do paracetamol consumido na

«NO MEDICAMENTO, A EUROPA TEM DE COMBATER A DEPENDÊNCIA DE PAÍSES TERCEIROS»

«A pandemia comprovou que sem Saúde não há sector Económico nem Social»

União Europeia vem de países terceiros, como a Índia, dos quais nos tornámos muito dependentes. Queremos contrariar isso, chamando a indústria à Europa.

RFP: **A COVID-19 também veio pôr a nu as fragilidades do projecto europeu.**

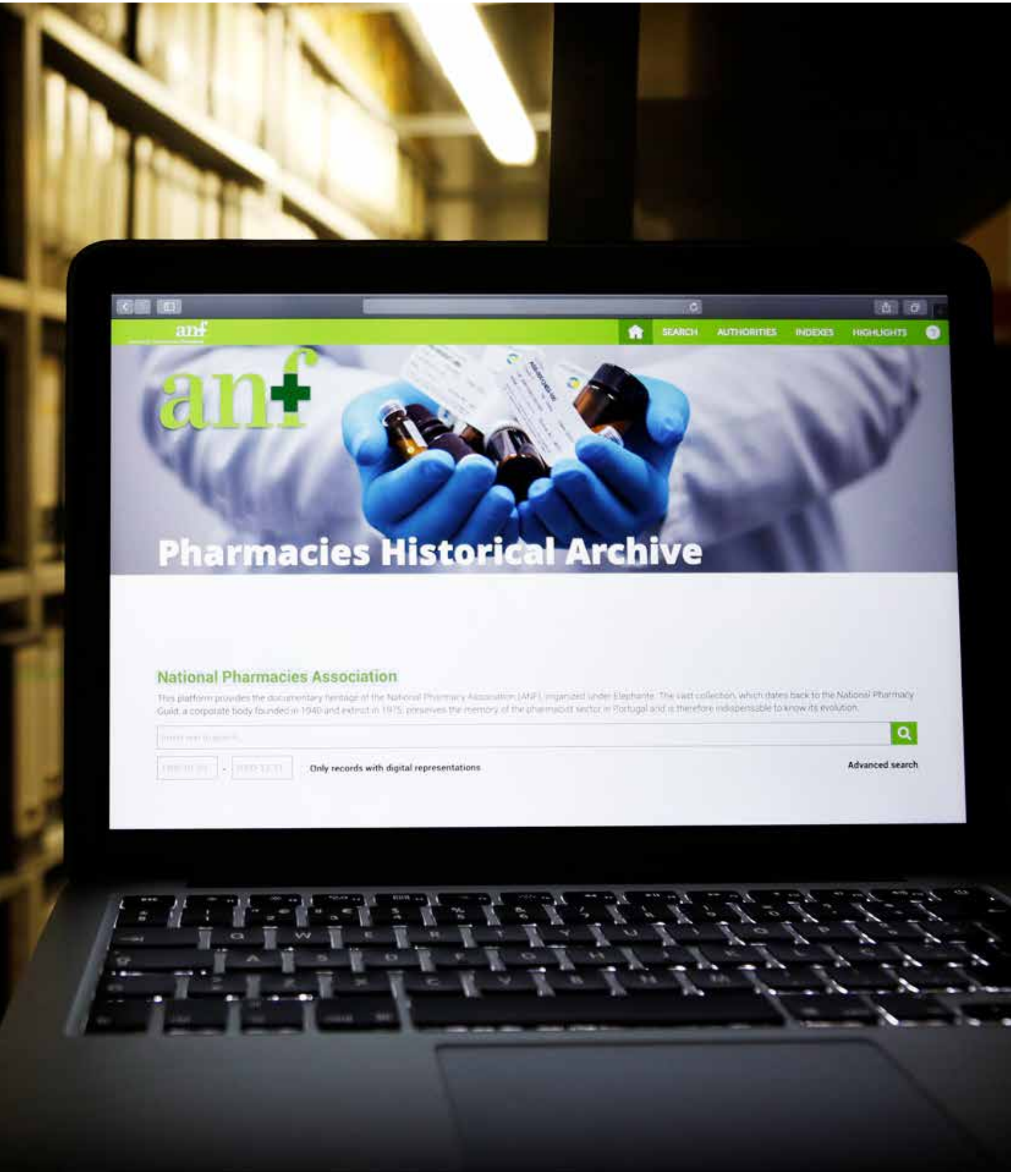
SC: Sim, é verdade [pausa]. Sou uma firme defensora de que devemos aprender com tudo o que nos acontece, bom ou mau, e existem muitas lições a retirar deste período. Tem sido, de facto, um teste em tempo real à nossa capacidade enquanto seres humanos e enquanto seres que vivem em sociedade. A Europa passou por uma situação atípica, muito aguda, nos meses de Fevereiro e Março. Como é que o projecto europeu respondeu a isto? No início, com muito egoísmo por parte de cada Estado-Membro, é certo, mas julgo que fruto de muito medo, muita incerteza. Contudo, tenho de saudar o papel da Comissão Europeia, assim como das restantes instituições. Mal verificaram que estava cada membro para seu lado, puxaram os travões, disseram «Calma aí. Vamos coordenar-nos. Somos uma união de 27, vamos perceber onde é que estão as dificuldades e as lacunas, e tentar resolvê-las». E veja-se o que fizemos: lançámos o concurso público comum para aquisição de material médico que estava em falta em muitos Estados-Membros; estabelecemos corredores verdes para os transportes, não apenas de medicamentos e material médico, mas para produtos básicos e essenciais; coordenámo-nos para fechar fronteiras; iniciámos o mecanismo europeu de protecção civil. Juntos!

sauda
CONTINUE A LER EM
www.revistasauda.pt
VEJA TAMBÉM OS VÍDEOS

WWW.ARQUIVOFARMACIAS.PT

Documentos históricos das farmácias já estão online.

REPORTAGEM: *PAULO MARTINS*
FOTOGRAFIA: *PEDRO LOUREIRO*


anf
SEARCH
AUTHORITIES
INDEXES
HIGHLIGHTS
anf
Pharmacies Historical Archive
National Pharmacies Association
Only records with digital representations
Advanced search

Abrir uma janela para a sociedade: é esse o objectivo primordial do sítio electrónico www.arquivofarmacias.pt. Na plataforma, que acaba de ser lançada, vai ser progressivamente depositado material do Arquivo Histórico das Farmácias, projecto dinamizado pela ANF. Vale a pena espreitar.

Designado Arquivo Elephante na fase preparatória – o ph da velha grafia da palavra farmácia associado ao animal de grande porte, que traduz a ideia de memória – o Arquivo Histórico das Farmácias consolida a ambição de desbravar o passado, para com ele aprender. Como? Procedendo ao levantamento, organização e disponibilização pública do acervo da ANF. Indispensável para conhecer a história do sector farmacêutico em Portugal, a tarefa é hercúlea, dada a dimensão do arquivo. Constitui, todavia, um estímulo à acção. «O que é grande é para se ver», como escreveu Duarte Santos, director da Farmácia Portuguesa, na edição nº 225, de Janeiro-Fevereiro de 2018, que pela primeira vez abordou o projecto.

O INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DESENHOU O PROJECTO

Há um par de anos – um pouco mais, para sermos rigorosos – a equipa do Arquivo Histórico dedica-se ao trabalho de formiguinha, que tantas vezes começa na delicada operação de limpeza de documentos cuja idade já pesa, culminando no registo e digitalização. No processo, a pressa deixa-se ultrapassar pela paciência, seguindo o velho ditado segundo o qual devagar se vai ao longe. Ainda assim, já vicejam frutos do que foi plantado.

Desde o início envolvido no projecto, o Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa está prestes a concluir a produção de uma monografia sobre o Grémio Nacional das Farmácias (GNF), representativo dos empresários farmacêuticos durante a Ditadura, cujo espólio foi herdado pela ANF. A coordenadora científica, Ana Paula Pires, encarou a tarefa como um desafio. Na já citada edição da Farmácia Portuguesa, revelou as razões do seu apetite de historiadora: «O Grémio surge num período [1939] em que Portugal, apesar de neutral, sofre os impactos e as consequências da guerra. Isso também se reflecte nas farmácias. Alguns dos documentos que estão no vosso arquivo mostram precisamente a forma como passaram a vender açúcar e a ter um controlo bastante pesado da comercialização e, até, do tabelamento de preços».

Mais de 10.000 dossiers depositados em Palmela; 129 caixas do GNF transportadas da Quinta das Janelas, em Óbidos, para a sede nacional da ANF; mais de 220 mil do-

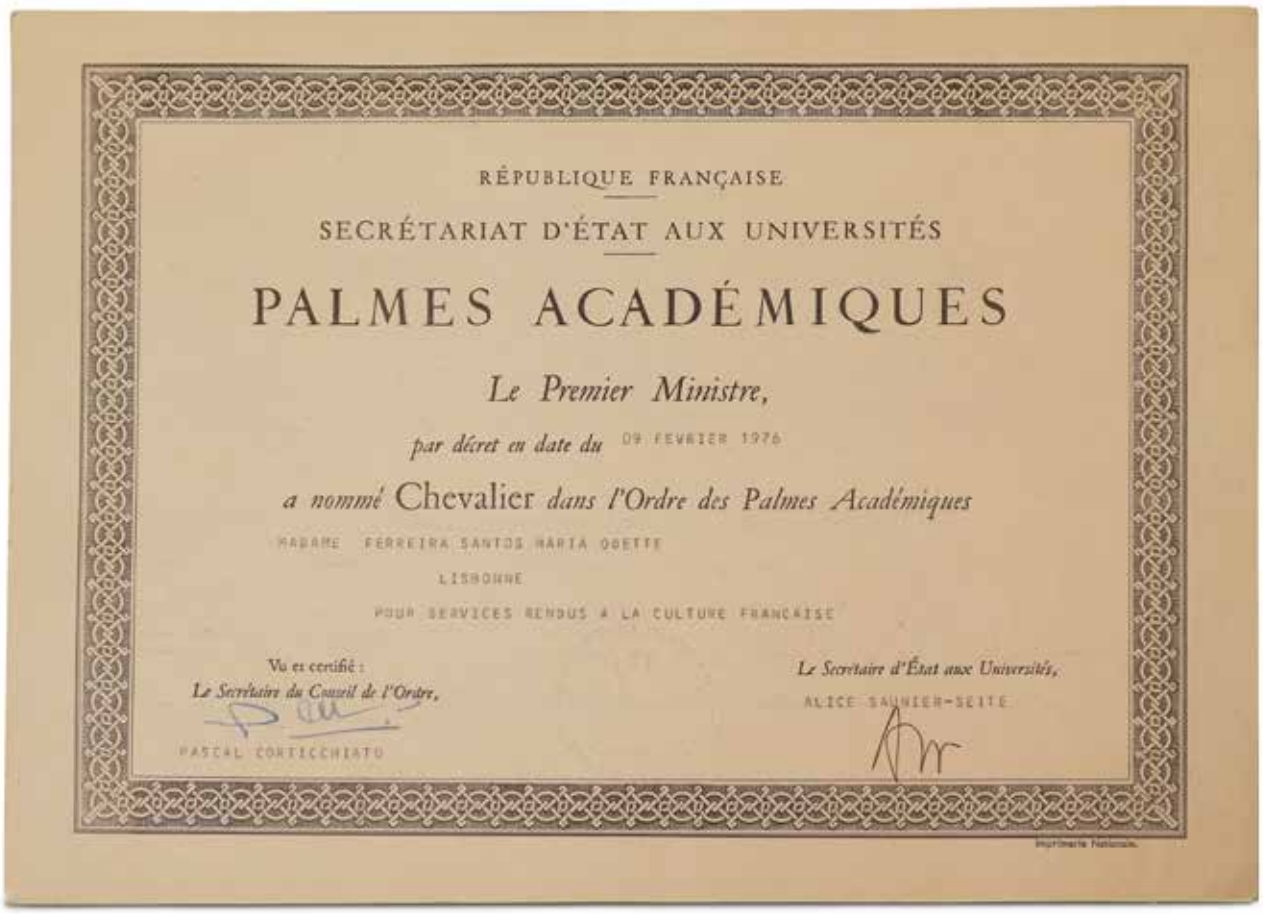
O Arquivo Histórico das Farmácias reúne mais de 10.000 dossiers, 129 caixas de documentos do Grémio e 220 mil documentos no Sistema de Gestão Documental

cumentos no Sistema de Gestão Documental; uma intranet (ANFonline) que permanentemente acolhe circulares, newsletters, fotos e vídeos: eis uma pequena amostra do

A TAREFA É HERCÚLEA, DADO O VOLUME DE DOCUMENTAÇÃO

longo caminho a percorrer. Por onde se começou? Precisamente pela digitalização de todos os números da revista Farmácia Portuguesa, pequena parcela do material já consultável no site [ler artigo nesta edição]. Onde já chegámos? Para dar apenas um exemplo, a 55 metros lineares de documentos tratados e higienizados arquivisticamente.

O levantamento documental em curso inclui outras publicações e presta especial atenção às actas de órgãos internos do GNF e da ANF, bem como à recolha de legislação do sector farmacêutico e da organização corpora-



RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

SECRÉTARIAT D'ÉTAT AUX UNIVERSITÉS

PALMES ACADÉMIQUES

Le Premier Ministre,

par décret en date du 09 FEVRIER 1976

a nommé Chevalier *dans l'Ordre des Palmes Académiques*

MADAME FERREIRA SANTOS MARIA ODETTE

LISBONNE

POUR SERVICES RENDUS A LA CULTURE FRANCAISE

Vu et certifié :
Le Secrétaire du Conseil de l'Ordre,
PASCAL CORTICCHIATO

Le Secrétaire d'État auxe Universités,
ALICE SAUNIER-SEITE

Imprimerie Nationale

A condecoração de Odete Ferreira pelo Estado francês com o grau de cavaleira da Ordem das Palmas Académicas

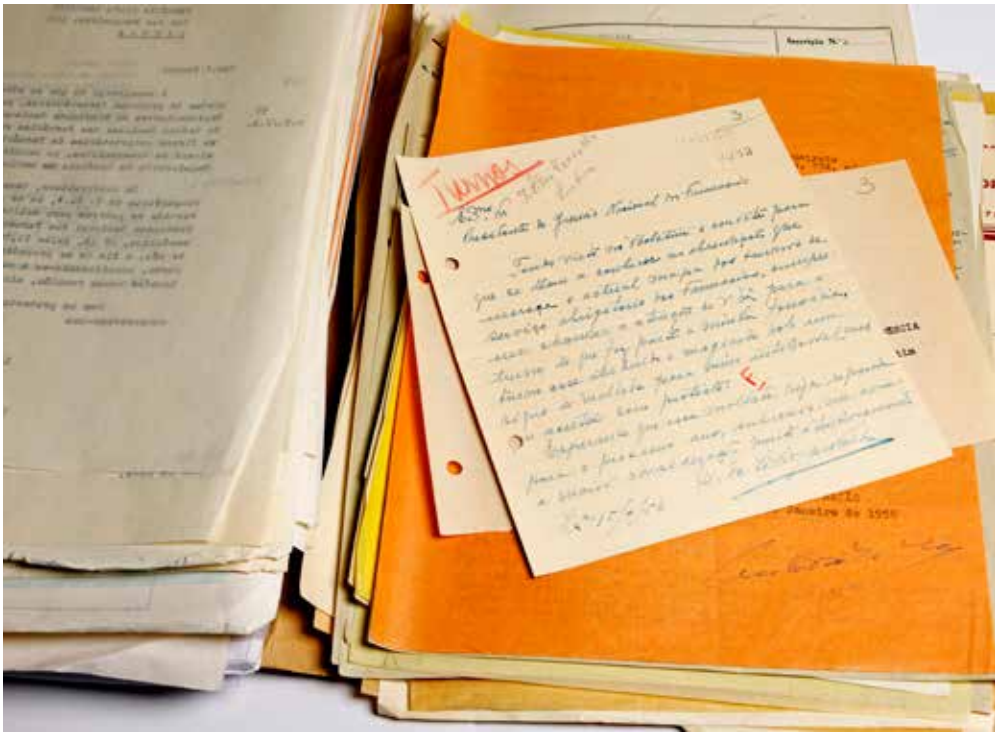
tiva, entre 1933 e 1976. Doado à Associação, o espólio de Odette Ferreira tornou-se uma prioridade. Ainda em fase de levantamento – estão em causa mais de 100 caixas, correspondentes a 25 metros lineares – transformar-se-á a prazo num fundo autónomo.

O acervo da saudosa pioneira da investigação sobre sida em Portugal abrange vasta documentação relacionada com a sua passagem pela presidência da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA, entre 1992 e 2000 – em 1993, promoveu, em parceria com a ANF, o programa "Diz não a uma seringa em segunda mão" – e com a ligação à Faculdade de Farmácia de Lisboa, como docente, investigadora e dirigente. A uma rica biblioteca de livros técnicos, juntam-se intervenções de Odette Ferreira em palestras e colóquios. Entre o material de índole pessoal, encontram-se fotografias, o diploma de doutoramento em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Paris-Sul e o que consagra a condecoração pelo Estado francês com o grau de cavaleira da Ordem das Palmas Académicas, bem como correspondência trocada com a Embaixada de França em Lisboa a propósito da atribuição do mesmo grau da Legião de Honra.

O VALIOSO ESPÓLIO DE ODETTE FERREIRA TEM MAIS DE 100 CAIXAS

Outros espólios têm vindo a ser tratados. Os herdeiros de Joaquim Francisco Torrinha entregaram material do farmacêutico de Vila Viçosa – essencialmente publicações profissionais da década de 1940, mas também obras técnicas mais antigas, que podem ter de ser submetidas a restauro. O antigo bastonário da Ordem, Aranda da Silva, confiou ao Arquivo documentação do seu pai, Elísio Rainha da Silva, farmacêutico que em 1944 se estabeleceu em Moçambique, onde desenvolveu actividade de oposição ao salazarismo, chegando a ser preso, e que após a independência adquiriu a nacionalidade moçambicana. Ficam assim acessíveis o termo de posse como chefe do Serviço Farmacêutico do Ministério da Saúde de Moçambique, datado de 4 de Outubro de 1975 ou a escritura de doação de bens ao Estado moçambicano, em 1976. Por altura da Revolução de 25 de Abril, note-se, Rainha da Silva dominava cerca de 40 por cento do mercado de medicamentos da então colónia.

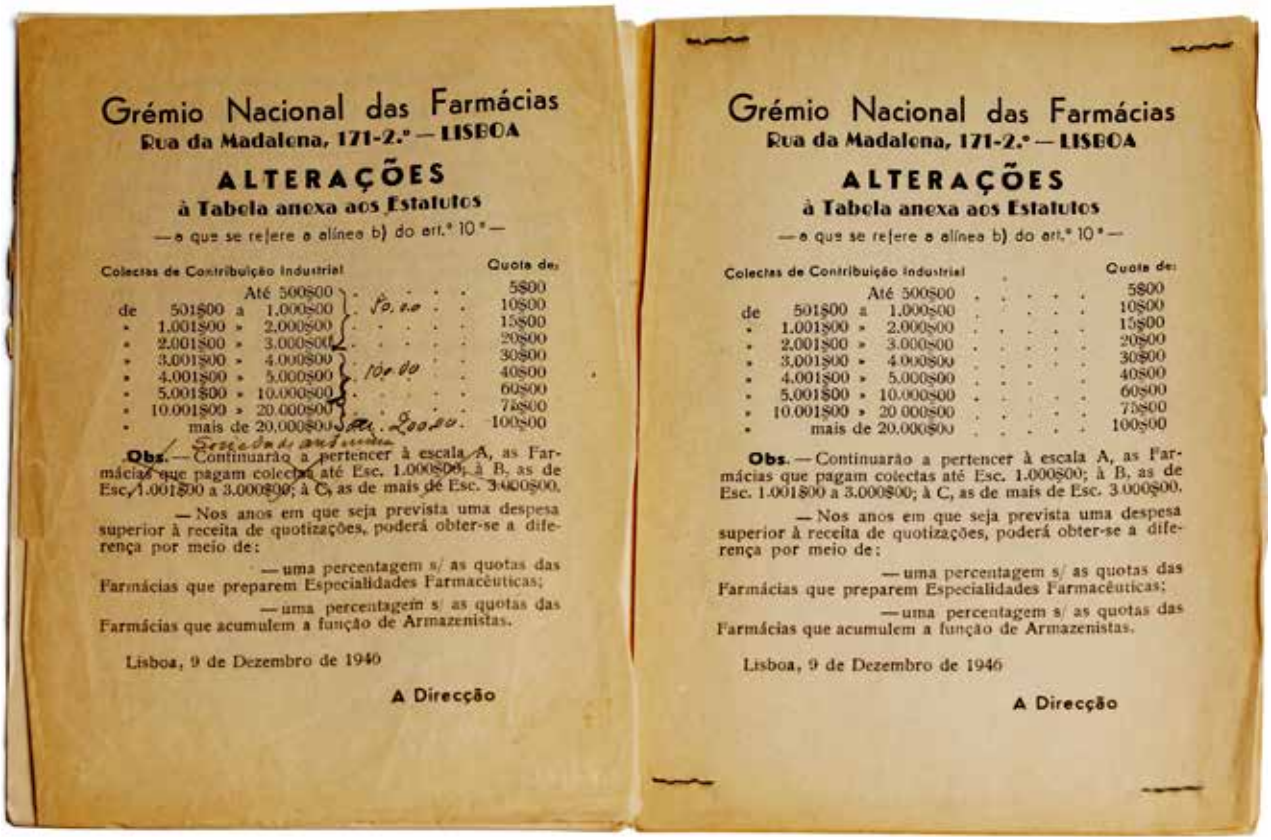
As pesquisas efectuadas pelo já tiveram o condão de oferecer base suficiente para definir os contornos de alguns episódios, que constituem fragmentos da história do mundo farmacêutico, em particular no capítulo do associativismo. Alguns deles foram já partilhados com os leitores da Farmácia Portuguesa.



Cada farmácia tem um dossier histórico, que em muitos casos remonta aos tempos do Grémio

Metido no espartilho do Estado Novo, o Grémio pouco mais fazia do que cumprir determinações governamentais, como a de vestir a farda de polícia, para identificar – e punir – farmácias que concediam ilegalmente descontos a clientes. Documentação do arquivo da organização prova à saciedade até onde podiam ir os "raides" fiscalizadores e como funcionava o sistema de "pilotos", jovens ou adolescentes encarregados de apanharem farmacêuticos em falso.

Acerca do exercício ilegal da actividade farmacêutica, cujo combate estava entregue ao GNF, o espólio é elucidativo das barreiras que enfrentava. Tornada comum a venda de especialidades farmacêuticas em qualquer estabelecimento, a concorrência desleal vertia-se em queixas, que desaguavam no órgão oficial do organismo. Em Fevereiro de 1960, um sócio apodava de «causadores da nossa ruína» os proprietários de drogarias e mercearias onde se encontrava linhaça ou álcool puro, e de lojas de materiais de construção que vendiam solu-



Grémio Nacional das Farmácias
Rua da Madalena, 171-2.º — LISBOA

ALTERAÇÕES
à Tabela anexa aos Estatutos
— a que se refere a alínea b) do art.º 10.º —

Colectas de Contribuição Industrial			Quota de:
	Até 500$00		5$00
de	501$00 a	1.000$00	10$00
»	1.001$00 »	2.000$00	15$00
»	2.001$00 »	3.000$00	20$00
»	3.001$00 »	4.000$00	30$00
»	4.001$00 »	5.000$00	40$00
»	5.001$00 »	10.000$00	60$00
»	10.001$00 »	20.000$00	75$00
»	mais de 20.000$00		100$00

Obs. — Continuarão a pertencer à escala A, as Farmácias que pagam colectas até Esc. 1.000$00; à B, as de Esc. 1.001$00 a 3.000$00; à C, as de mais de Esc. 3.000$00.

— Nos anos em que seja prevista uma despesa superior à receita de quotizações, poderá obter-se a diferença por meio de:

— uma percentagem s/ as quotas das Farmácias que preparem Especialidades Farmacêuticas;

— uma percentagem s/ as quotas das Farmácias que acumulem a função de Armazenistas.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1946

A Direcção

O espólio do Grémio Nacional das Farmácias passa a estar disponível aos historiadores do corporativismo no Estado Novo

to de mercurocromo ou comprimidos de cibazol. Noutra edição do Boletim, de Outubro de 1950, propunha-se um remédio santo para a manifesta incapacidade do Grémio de apagar este fogo. A delação, de preferência servida em doses cavalares: «Convém que todos os agremiados que possam indicar os "vendilhões amadores" o façam».

Pela revista Farmácia Portuguesa passaram outros momentos marcantes da História do GNF, reconstituídos a partir do trabalho desenvolvido no âmbito do Arquivo Histórico, como a campanha que empreendeu, em conjunto com o Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, para ajudar à recuperação das farmácias atingidas pelas cheias de 25 de Novembro de 1967 na região de Lisboa. Dezenas de laboratórios forneceram gratuitamente medicamentos e, segundo a última relação conhecida, de 11 de Março de 1968, os donativos dos associados atingiram em apenas três meses 107.580 escudos, valor que equivaleria hoje a quase 36.000 euros.

Entre as apostas futuras do projecto, conta-se o tratamento de material conservado nas Delegações da ANF do Porto e de Coimbra. A mais ousada, porém, consiste em envolver os associados. «Tem documentos, fotografias ou outros materiais com valor histórico? Tem estórias para nos contar?». As perguntas têm sido formuladas num anúncio regularmente publicado nestas páginas, com o apelo a que «junte o seu papel à nossa História», usando como meios de contacto o e-mail arquivoelephante@anf.pt ou o telefone 213400648. José Manuel Almeida Sousa, dono da Farmácia Almeida Sousa, em Buarcos, na Figueira da Foz, respondeu à chamada, ao reunir documentação relacionada com a Farmácia Ferrão, de Carapinheira do Campo, no concelho de Montemor-o-Velho, que o seu pai, o ajudante técnico de farmácia Manuel Alves de Sousa, adquiriu em 1969.

:O ARQUIVO VAI AGORA TRATAR A DOCUMENTAÇÃO DAS DELEGAÇÕES DO PORTO E COIMBRA DA ANF

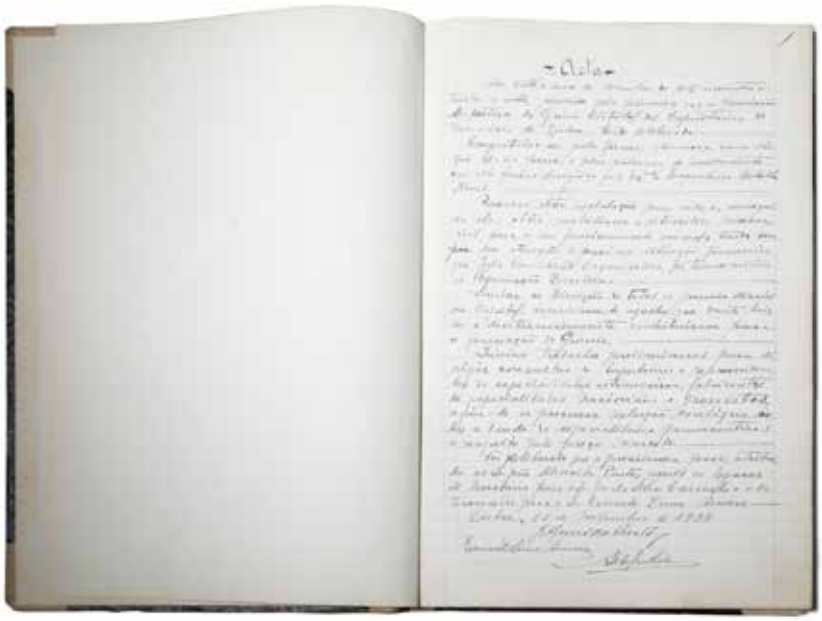
ARCA DA MEMÓRIA

O 25 de Novembro de 1939 não será uma data tão simbólica como a de 1975, mas para os farmacêuticos tem especial significado. Nesse dia, nasceu oficialmente o Grémio Distrital dos Proprietários de Farmácia de Lisboa, que no ano seguinte se converteu em nacional. A acta n.º 1, assinada pelo presidente, João Almeida Pinto, o secretário, Manuel da Silva Carvalho, e o tesoureiro Ernesto Lima Amaro, está disponível em www.arquivofarmacias.pt, entre os documentos reunidos pelo Arquivo Histórico das Farmácias.

Baseado no Archeevo, software de gestão de arquivos concebido pela empresa bracarense Keep Solutions, que entre os clientes conta com a Presidência da República e diversos arquivos universitários e municipais, o site, qual arca da memória, já acolhe cerca de 2.000 registos e 900 representações gráficas. No domínio das publicações, proporciona o acesso à colecção completa da revista Farmácia Portuguesa e às diversas séries dos boletins do Grémio Nacional das Farmácias – entre os quais o nº 51, de Abril de 1974, onde figura a sessão de posse dos novos corpos gerentes da equipa liderada por Maria do Castelo, a poucos dias do golpe de Estado que depôs Marcello Caetano. Além de exemplares da Pharmaka, revista do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e do GNF lançada em 1968.

Como a história (também) se faz de pessoas, têm vindo a ser produzidas no âmbito do projecto pequenas biografias – cerca de 240, neste momento – com indicação de fontes, para ajudar investigadores e público em geral a aprofundarem o conhecimento acerca dos biografados. A par de figuras históricas como Amato Lusitano, Paracelso, Pedro Hispano e Caetano de Santo António, lá estão dezenas de dirigentes associativos do sector farmacêutico – José Dionysio Corrêa, da Sociedade Farmacêutica Lusitana; Almeida Nifo, do Grémio; João Cordeiro, João Silveira ou Paulo Cleto Duarte, da ANF. A lista inclui professores universitários, investigadores e todos os bastonários da Ordem dos Farmacêuticos.

Talvez por esta via queira descobrir o leitor Tomé Pires, boticário do século XVI, autor de "Suma Oriental", primeira descrição europeia da Malásia e a mais antiga e extensa descrição portuguesa do Oriente, Mar Vermelho e Japão. Ou o farmacêutico Roberto Duarte Silva, nascido em 1837 em Cabo Verde, que fez carreira em França como químico, investigador e docente – era tanta a sua proximidade com os alunos que o tratavam por "Le Pére Silva". Presidiu à Sociedade Química de Paris e acabou por naturalizar-se francês. Está sepultado no cemitério de Montparnasse, onde um monumento honra a sua memória.



Acta n.º 1 do Grémio Distrital dos Proprietários de Farmácia de Lisboa, que no ano seguinte se converteu em nacional, datada de 25 de Novembro de 1939

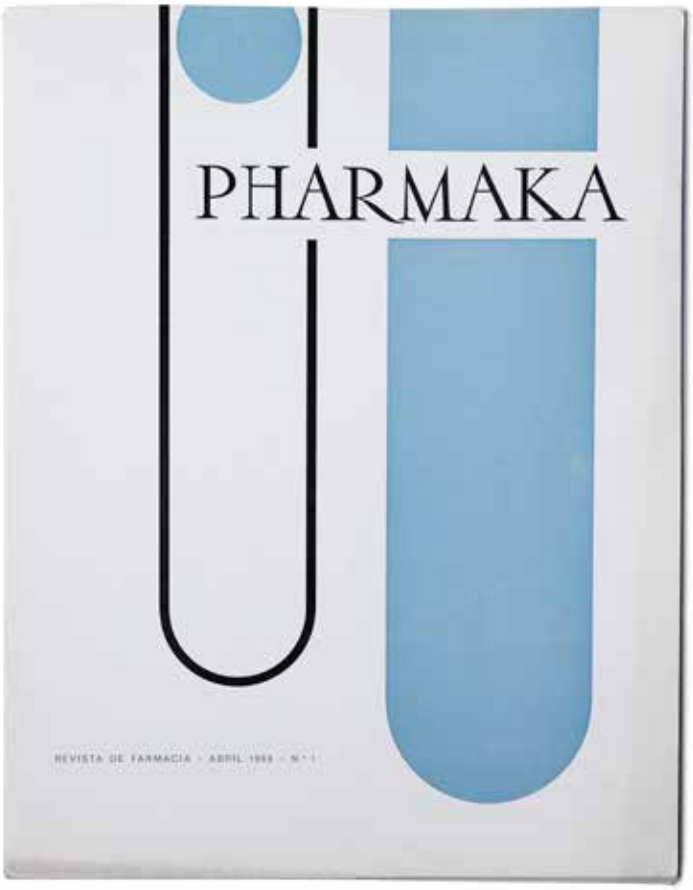
O CHARME NOTÁVEL DA PUB

Arquivo Histórico e Museu da Farmácia promovem exposição.

Reclame dos anos 1960 ao Bialzepam, medicamento da portuguesa Bial que continua no mercado

Entre as iniciativas previstas para o lançamento público do Arquivo Histórico das Farmácias figura uma exposição sobre publicidade farmacêutica a inaugurar no dia 15 de Outubro. Promovida em articulação com o Museu da Farmácia, reunirá anúncios inseridos em publicações do extinto Grémio Nacional das Farmácias e objectos do acervo do museu com eles relacionados, que nunca foram expostos ao público. Como aconselham os tempos que correm, a mostra alia a dimensão física – para já, no átrio da sede nacional da ANF, em Lisboa, podendo posteriormente tornar-se itinerante – à virtual, através de site próprio.

Não falta por onde escolher, dado o elevado número de anúncios disponíveis. Saíram centenas no Boletim do Grémio Nacional das Farmácias, órgão oficial da instituição, editado regularmente entre 1940 e 1974 – primeiro sob a forma de jornal, depois de revista e, na fase final,



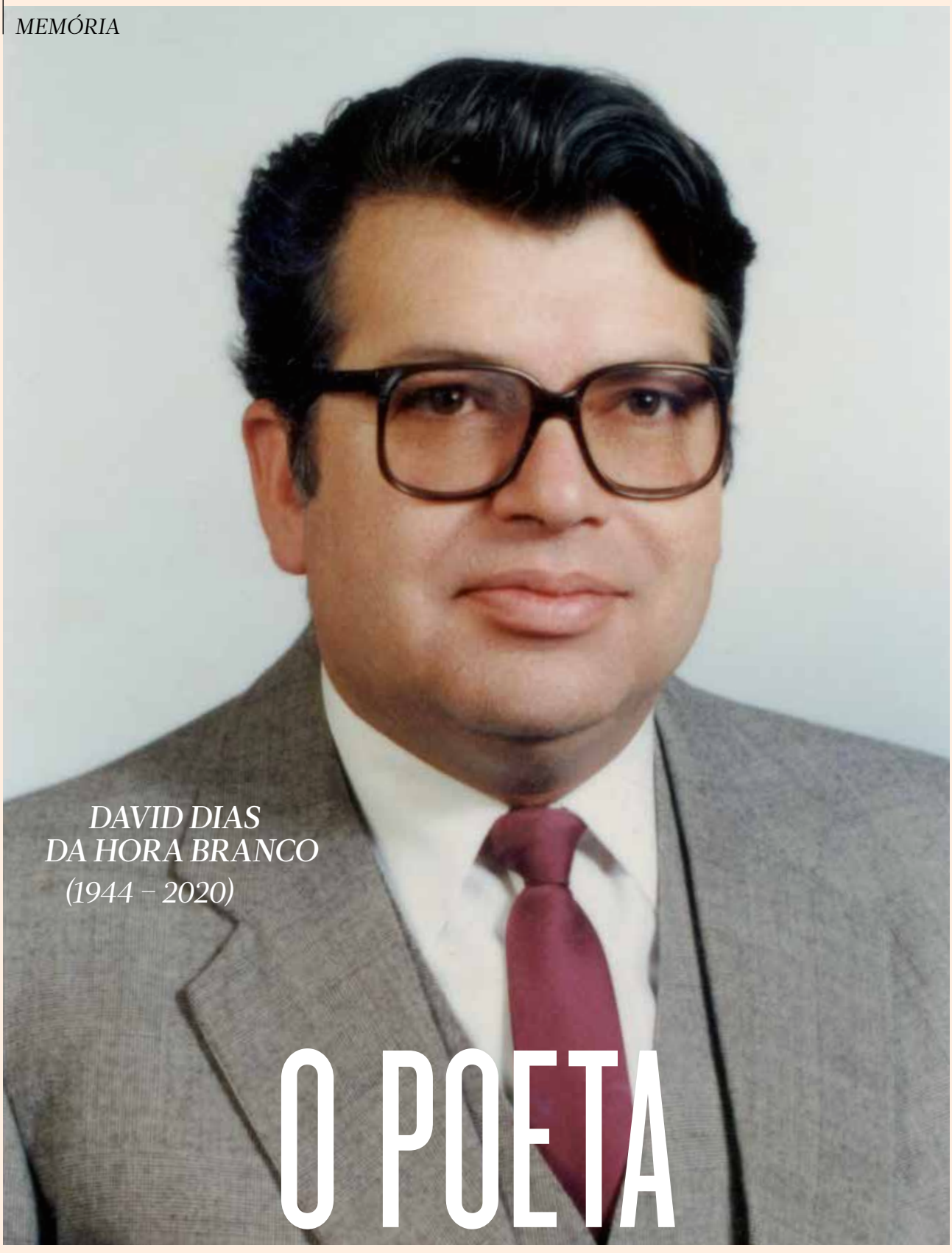
A revista Pharmaka foi lançada em 1968 sob a orientação gráfica de Tóssan, nome artístico do pintor e ilustrador António Fernando dos Santos

Emoneura, medicamento-alimento que se apresentava como indicado para 20 maleitas, entre as quais a nostalgia

policopiado – e na Pharmaka, revista bimestral nascida, em 1968, de uma parceria com o Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, cuja orientação gráfica foi confiada a Tóssan, destacado ilustrador e pintor.

Tanta quantidade só podia recomendar diversidade de critérios de selecção. Um anúncio pode destacar-se pela estética – da sentinela *very British* do ansiolítico Bialzepam ou do corpo musculado do Emoneura, cuja valência não é identificada, mas que se sabe tratar-se de um tónico apto a combater doenças debilitantes, por devolver energia a quem o tomava. A escolha também pode prender-se com a longevidade do fármaco publicitado – o velho Melhoral ainda resiste... – ou, por exemplo, com o laboratório de onde saiu. Critérios também preenchidos, afinal, pelo anúncio alusivo ao Bialzepam, já que é, ainda hoje, produzido pela Bial.

AS REVISTAS DO GRÉMIO E DO SINDICATO DOS FARMACÊUTICOS SÃO FÉRTEIS EM ANÚNCIOS DE REMÉDIOS PARA TODOS OS MALES DO CORPO E DO ESPÍRITO



DAVID DIAS DA HORA BRANCO (1944 – 2020)

O POETA DE CADA PESSOA

Nos bairros das grandes cidades, como em muitas terras da província, não faltam a Portugal profissionais de Farmácia com a fama, o empenho e o proveito de conhecerem toda a gente.

O poeta de Moreira da Maia era assim, mas em grau superlativo e tempo mais-que-perfeito. Sabia o nome *completo* de cada fiel cliente. Quando os via entrar no estabelecimento, rimava de alegria com os substantivos.

Órfão de mãe aos quatro anos, toda a vida reagiu com força à adversidade

Viveu nos estádios das Antas e do Dragão a paixão pelo F.C. Porto

— *Rita Olívia Costa Silva Oliveira!*

Os últimos apelidos, já os dizia de braço estendido, bata branca delicadamente curvada para a frente, a fim de beijar a mão à mulher de 48 anos que acolhia como família.

— *O que te traz tão bela à minha beira?*

Deixava tudo para receber uma pessoa amiga. Mostrava-se verdadeiramente interessado em saber dela.

— *Fazia-me sentir única.*

Precisamente, cara Rita, obrigado pela senha.

A *empatia* é a qualidade divina que iluminou os traços todos da personalidade de David Dias da Hora Branco, em 76 anos de vida. A emoção, assídua nos poemas, traço, o sentido de urgência na política, traço, o perdão sem reservas ao ladrão que o ia matando, traço, a defesa militante da rede de farmácias, traço, a sentida gratidão a Jesus Cristo, traço, o amor à terra natal, traço, e às artes. Traço a traço, o retrato do poeta desenha-se da curiosidade, do respeito e do amor por cada pessoa.

— *Perdoai as pobres rimas / Que eu ousei escrever... / Elas parecem vindimas / Sem uvas para colher! / Contudo Amigos meus / Era boa a intenção / Queria Louvar a Deus / E mostrar-vos gratidão!*

David Dias da Hora Branco é nome de técnico de farmácia à antiga. Começou, aos 11 anos, a trabalhar tão bem com as mãos como com a cabeça. Na Escola Comercial Oliveira Martins só o ensinaram a fazer contas certas. Ao balcão e no laboratório de manipulados da Farmácia Gramaxo, a sua prodigiosa memória assimilou a Farmacopeia Portuguesa. Estudo aturado e experiência feita fizeram dele amigo dos medicamentos e confidente dos seus segredos mais íntimos.

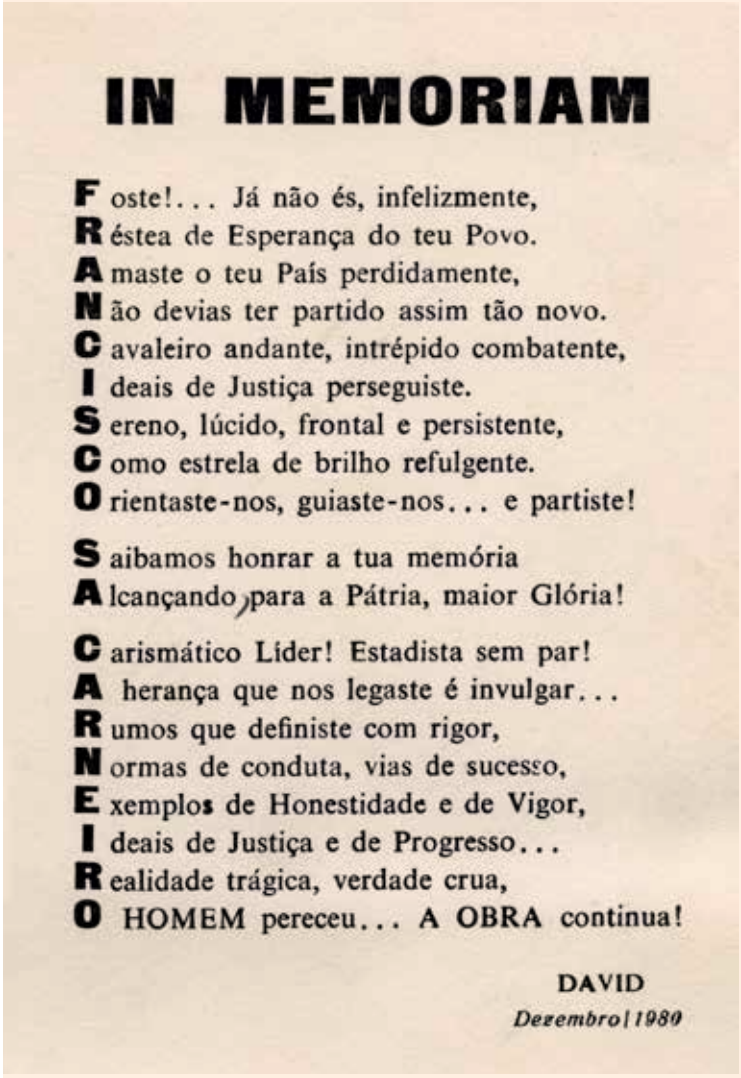
Com este registo de prática, quando lhe apareceu a oportunidade de comprar o estabelecimento, pediu dinheiro emprestado àqueles para quem laborara. Tiro e queda, negócio fechado, era uma aplicação sem risco para os donos da drogaria Granado, Irmão & Cia., do Porto, respeitável antepassado, por testamento comercial realizado em 1992, da actual Alliance Healthcare, líder de mercado da distribuição de medicamentos em Portugal e uma das jóias da coroa da Associação Nacional das Farmácias (ANF).

David Dias da Hora Branco, ainda nos anos setenta, foi um dos artífices da implantação na região Norte do projecto associativo e empresarial lançado por um grupo de jovens farmacêuticos de Cascais. Pela afirmação e a unidade das farmácias fez tudo o que lhe pediram, sempre com imensa alegria. Na ANF, começou como delegado local e chegou a presidente da Assembleia Geral, cargo que ocupou durante 17 anos, sucessivamente eleito pelos seus pares. Foi nessa condição que tomou a palavra para abrir

uma histórica "Sessão Institucional de Esclarecimento", realizada em Fevereiro de 2002 no Parque das Nações, em Lisboa.

— *Primeiro, quero desmistificar o* bluff *denominado farmácias "sociais", realçando o forte pendor social evidenciado pelas farmácias de oficina em Portugal.*

Falava assim, franco e a direito. Tinha a consciência imaculada, foi consequente toda a vida com os valores que defendia. Na Farmácia Gramaxo ninguém deixava de levar os medicamentos para casa por falta de dinheiro. Um verdadeiro cristão guarda a miséria alheia em respeitoso silêncio. As contas que ficaram penduradas para sempre no prego da farmácia para ele não eram medalhas de mérito, mas rebates de consciência.



IN MEMORIAM

F oste!... Já não és, infelizmente,
R éstea de Esperança do teu Povo.
A maste o teu País perdidamente,
N ão devias ter partido assim tão novo.
C avaleiro andante, intrépido combatente,
I deais de Justiça perseguiste.
S ereno, lúcido, frontal e persistente,
C omo estrela de brilho refulgente.
O rientaste-nos, guiaste-nos... e partiste!

S aibamos honrar a tua memória
A lcançando para a Pátria, maior Glória!

C arismático Líder! Estadista sem par!
A herança que nos legaste é invulgar...
R umos que definiste com rigor,
N ormas de conduta, vias de sucesso,
E xemplos de Honestidade e de Vigor,
I deais de Justiça e de Progresso...
R ealidade trágica, verdade crua,
O HOMEM pereceu... A OBRA continua!

DAVID
Dezembro | 1980

A tragédia de Francisco Sá Carneiro inspirou-lhe um poema acróstico, pleno de sentimento e de ideologia

FOI PARA A POLÍTICA PORQUE NÃO SUPORTAVA A POBREZA

O combate à pobreza, que o incomodava profundamente, levou-o à política. Para ele, só havia Democracia com progresso social e Liberdade com valores. No Verão Quente de 1975, quando elas doíam, levava os filhos com ele, noite dentro, a colar cartazes do PPD na Estrada Nacional 13. Como muitos homens que subiram a pulso na sua geração, o seu partido foi Francisco de Sá Carneiro.

— *Cavaleiro andante, intrépido combatente / Ideais de Justiça perseguiste / Sereno, lúcido, frontal e persistente / Como estrela de brilho refulgente.*

A vitória da AD foi uma alegria intensa, uma esperança desmedida mas tangível. Também ficou eufórico com o calcanhar do Madjer, em Viena, mas isso já era magia. O F.C. Porto, pelo menos, nunca lhe deu um desgosto, sequer parecido, à queda daquele maldito avião em Camarate.

— *Orientaste-nos, guiaste-nos... e partiste!*

Órfão de mãe desde os quatro anos, o poeta de Moreira aprendeu a responder à dor com a força de um combatente.

— *O HOMEM pereceu... A OBRA continua!*

Bom orador e carismático, o técnico de farmácia teve sucesso na política. Nos anos 90, foi eleito duas vezes presidente da Junta de Freguesia de Moreira. Tornou-se popular e muito estimado.

— *Foi o primeiro amigo que tive aqui na Maia.*

Naquela noite de Primavera de 1974, Ângelo Miguel Teiga Torrão, acabado de chegar de Ílhavo, tocou à campainha desesperado, desorientado e descrente da vida numa área metropolitana. Trazia a filha de 11 meses nos braços, a chorar devido a uma queimadura de café quente. A mãe de uma enfermeira vizinha renegou acordá-la àquela hora da madrugada, não viu caso para isso. Felizmente, a farmácia estava sempre "de serviço", era a casa da família Dias da Hora Branco. David agarrou na criança e num instante resolveu o assunto. Tanto curava com pomadas como aos carinhos: foi pai de quatro filhos.

— *Nascemos todos em casa.*

Arménia Teixeira Vieira Branco não tinha medo de nada, a não ser que lhe trocassem os filhos na maternidade. Antes parir em casa, com fé em Deus e nas leis da Natureza. Estava a atender os clientes ao balcão da farmácia e fazia um intervalo para ir dar à luz no andar de cima. A filha mais nova anunciava-se cheia de pressa mas a parteira nunca mais vinha. Impávido e sereno, o marido calçou

Arménia e David foram o único amor da vida um do outro

Carismático, foi eleito muitas vezes pelos proprietários de farmácia e pelos conterrâneos

SOUBE PERDOAR AO HOMEM QUE LHE DEU UM TIRO NA CABEÇA

as luvas para receber a filha com as próprias mãos. A mulher lá apareceu à última da hora.

— *Não se ensaiava nada de assistir ao parto.*

Arménia e David já vieram ao mundo combinados. Foram o único amor um do outro. Antes de casarem, nunca ficaram a sós, era assim naquele tempo. Depois da boda, em família, foram ao Cinema Trindade, no Porto, ver uma comédia romântica. No regresso a casa, o noivo disse ao taxista para os deixar longe do portão. Não queria acordar os sogros, em casa de quem passaram a noite de núpcias.

O namoro começou numa tarde de domingo, no Padrão de Moreira. As raparigas sentavam-se na escadaria, a contar pelos dedos da mão os carros que passavam. Os rapazes compareciam de bicicleta. Aquele Cristo num pedestal de mármore fez muitos casamentos.

Arménia começou por desdenhar. Troçava da figura do moço, de bata às riscas, a pedalar um modelo feminino, com uma grande cesta, que enchia para levar medicamentos e fazer curativos ao domicílio. Um dia, tinham ambos 16 anos, ele parou à porta – e entrou mesmo – na mercearia onde a rapariga trabalhava.

— *Veio perguntar-me onde vivia o meu primo. Foi uma desculpa, estava careca de saber.*

Quem desdenha, acaba por comprar. Arménia apaixonou-se para a vida.

Ele era um homem entroncado, de costas direitas. Em 1979, quando um bando de rapazes lhe assaltou a farmácia à hora da telenovela, ofereceu resistência. Levou um tiro. A bala entrou abaixo do olho esquerdo e foi-se alojar à mesma distância de filme da orelha direita. Os neurocirurgiões tiveram dificuldade em perceber como foi possível salvarem-lhe a vida.

— *Isto foi um milagre, meu amigo.*

Anos mais tarde, regenerado da toxicodependência, o autor do disparo escreveu um livro a contar a história. David Dias da Hora Branco comprou-lhe um exemplar à saída da missa. O perdão é dos versos mais bonitos.

Medalha da Defesa Nacional para farmacêuticas

18 DE JUNHO, LISBOA

O ministro da Defesa Nacional distinguiu responsáveis das Forças Armadas que contribuíram para a resposta do país à pandemia de COVID-19. Entre os homenageados encontram-se a coronel farmacêutica Margarida de Sá Figueiredo, directora do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos, e a farmacêutica naval Helena Fernandes, directora do Departamento de Logística Sanitária da Marinha. O governante salientou a «elevadíssima competência técnico-profissional, extraordinário desempenho e relevantes qualidades pessoais» daqueles militares, que «se destacaram na forma como enfrentaram este inimigo novo e invisível».

Farmacêuticos comunitários e hospitalares colaboram

JULHO, BRUXELAS

O Grupo Farmacêutico da União Europeia (PGEU) e a Associação Europeia de Farmacêuticos Hospitalares (EAHP) assinaram um memorando de entendimento, com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento da profissão farmacêutica na Europa. Duarte Santos, presidente do PGEU e também director da ANF, realça o potencial desta cooperação, que permite «a partilha de experiências a nível dos cuidados hospitalares e na comunidade, uma melhor articulação e um acréscimo de ganhos em saúde para os utentes».

Papel das farmácias na resposta à COVID-19

6 DE JULHO

A forma como as farmácias se adaptaram às novas exigências e as lições da pandemia para repensar o sistema de saúde estiveram em evidência na 4.ª sessão "Ágora da Farmácia", que contou com a participação de farmacêuticos comunitários e do administrador hospitalar Xavier Barreto. Para o orador convidado, a retoma da actividade do sistema de saúde beneficiaria de uma intervenção mais alargada das farmácias, nas áreas da adesão à terapêutica, dispensa de medicamentos hospitalares, acompanhamento de doentes crónicos e recolha de informação para a medição de resultados em saúde.

Copiados

Livro de Registos da Farmácia Portuguesa,
compilados por Nuno Esteves

Ciências Farmacêuticas com 697 vagas em 2020/21

24 DE JULHO

Com 697 vagas para os futuros farmacêuticos, o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas regista este ano lectivo mais 7 vagas do que em 2019/20. Deste total, 682 vagas correspondem às cinco instituições públicas que leccionam o mestrado: as faculdades de Farmácia das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, e as universidades do Algarve e da Beira Interior. A estas juntam-se as 15 vagas que a Universidade dos Açores disponibiliza para o ciclo preparatório do referido mestrado, correspondente aos dois primeiros anos do curso.

VALORMED: colecção de cromos pelo Ambiente

AGOSTO

"Nação Selvagem" é a mais recente iniciativa da sociedade gestora de resíduos de medicamentos VALORMED, que visa incentivar a entrega de embalagens e medicamentos fora de uso, e consciencializar as famílias para a preservação do meio-ambiente. Os utentes interessados em receber a caderneta e os primeiros cromos devem entregar os resíduos numa farmácia e efectuar uma compra de qualquer valor. As seguintes saquetas de cromos são entregues sempre que for realizada uma compra, sendo desejáveis, mas não obrigatórias, novas entregas de resíduos.

Fundação do pulmão apela a mais vacinação antigripal nas farmácias

21 DE AGOSTO

«A rede nacional de farmácias deveria ter um papel mais activo na administração da vacina aos utentes do SNS, como demonstram algumas experiências comunitárias», afirma a Fundação Portuguesa do Pulmão (FPP). A entidade lembra que se avizinha «uma época gripal com circulação conjunta do coronavírus e dos vírus Influenza*», pelo que alerta para a necessidade a curto prazo de reforçar a acção das farmácias nacionais na vacinação contra a gripe sazonal durante a época gripal 2020/21. «As farmácias devem poder desempenhar tarefas mais complexas, mais exigentes e urgentes», considera a FPP.*

Glintt e Portugal Ventures em parceria para acelerar startups

24 DE AGOSTO

A tecnológica portuguesa Glintt, que integra o Grupo ANF, anunciou que vai investir 30 mil euros para afinar negócios inovadores que possam complementar a sua actividade. O programa será lançado em Portugal e Espanha, no início de 2021, assente em pilotos e na preparação para projectos empreendedores entrarem no mercado. A sociedade pública de capital de risco Portugal Ventures apoia a iniciativa através de mentoria, painéis de jurados e acesso a investidores. As empresas acreditam que os programas conjuntos são uma oportunidade de investir e inovar, criando valor.

Ordem define regras para a dispensa de medicamentos hospitalares em ambulatório

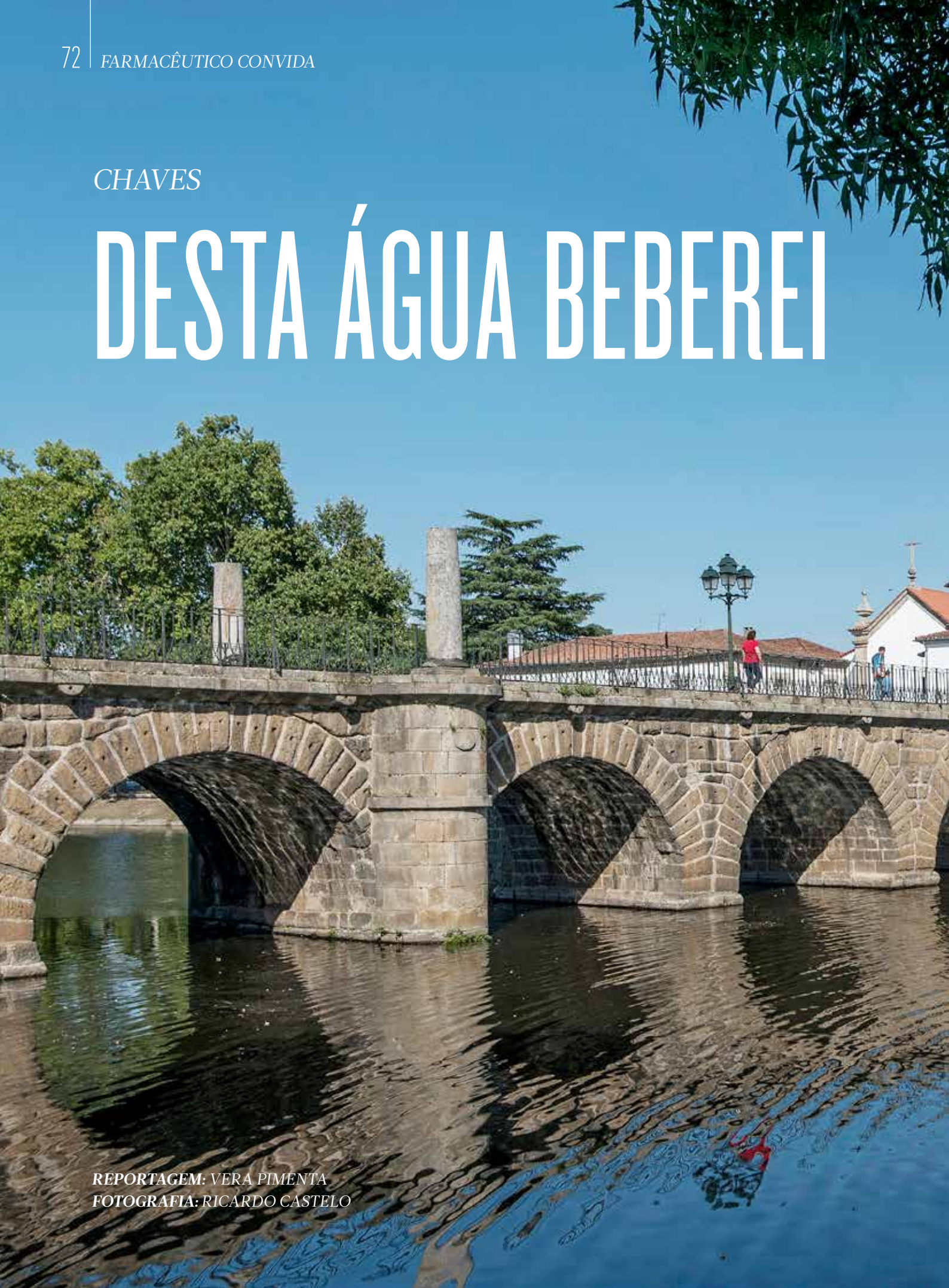
31 DE AGOSTO

A Ordem dos Farmacêuticos (OF) produziu recomendações técnicas, considerando os despachos governamentais que permitem que «Os medicamentos dispensados por farmácia hospitalar em regime de ambulatório podem, excepcionalmente, a pedido do utente, ser dispensados nas farmácias comunitárias por si indicadas, ou no seu domicílio, enquanto a situação no país assim o justifique». Para que tal aconteça, as premissas da OF são: a definição de uma estratégia entre farmacêuticos hospitalares e comunitários; a garantia da intervenção farmacêutica em todo processo que envolve a dispensa; o escrupuloso cumprimento das boas práticas farmacêuticas, na proximidade, segurança, monitorização do resultado do tratamento e rastreabilidade do processo de dispensa.

Acompanhe estes e outros acontecimentos da Farmácia Portuguesa em: www.revistasauda.pt

CHAVES

DESTA ÁGUA BEBEREI



REPORTAGEM: *VERA PIMENTA*
FOTOGRAFIA: *RICARDO CASTELO*

A ÁGUA MAIS PURA DE PORTUGAL BROTA DO CHÃO A 76 GRAUS. É UMA FORÇA DA NATUREZA

Há cerca de mil anos, chovia no planalto da Pedra Bolideira. Na profundidade da terra quente de Trás-os-Montes, a água foi adquirindo os minerais das rochas encaixantes e percorreu 17 quilómetros até Chaves. O trajecto de um milénio permite hoje mergulhar na água mais pura de Portugal, que brota do chão a 76 graus.

Todos os anos, milhares de aquistas visitam a região, à procura das propriedades terapêuticas e medicinais da água mais quente da Península Ibérica. Nas Termas de Chaves alivia-se doenças inflamatórias, degenerativas ou pós-traumáticas. E esquece-se a azáfama do dia-a-dia.

Além de indicadas em patologias musculoesqueléticas, as propriedades minerais da milagrosa água têm também o poder de aliviar problemas do aparelho digestivo e até do respiratório, como a bronquite, a sinusite, a asma ou as alergias.

Em 2005, foi descoberto um balneário termal, da época romana, em pleno centro da cidade

«Muitas vezes as pessoas associam essas doenças à terceira idade, mas isso é um engano» - desmistifica Fátima Pinto, administradora das Termas de Chaves. A profissional garante que diariamente lhe chegam às mãos pessoas de todas as idades. E os resultados falam por si. «Temos uma taxa de sucesso alta, principalmente nas crianças em idade precoce que, através de tratamentos preventivos, chegam a conseguir mesmo ultrapassar as patologias respiratórias» - explica.

Os romanos foram o primeiro povo a perceber que, ao mergulhar nessa água milenar, recuperavam rapidamente das mazelas sofridas durante as longas caminhadas e épicas batalhas. Essa descoberta haveria de impulsionar o crescimento da cidade em torno das termas. Mas a he-

rança romana não fica por aqui.

Em pleno centro histórico, num mural ao fundo do Largo do Arrebalde, pode ler-se: *Aquae Flaviae*. O nome com que os romanos baptizaram a actual cidade de Chaves denuncia o local onde está guardado um dos maiores tesouros da cidade, descoberto por mero acaso em 2005.

«Durante a construção de um parque subterrâneo, surgiu um balneário de termas romanas que, depois de limpo, começou a funcionar como há 2.000 anos», relata o farmacêutico flaviense Afonso Castro.

Hoje supõe-se que esse património histórico, único na Europa, tenha sido destruído durante um sismo que abalou a cidade no século IV. Quando a abóbada do balneário desabou, criou-se um tampão de oxigénio que fez com que o balneário termal se mantivesse nas mesmas condições até aos nossos dias. A curto prazo, o plano é abrir o surpreendente espaço ao público, enquanto Museu das Termas Romanas de Chaves.

Ao seu redor vislumbram-se casinhas de todas as cores, que iluminam alegremente as pitorescas ruelas do centro. Nos vários andares, varandas de madeira em tons garridos abraçam os edifícios. «Diz-se que, antigamente, devido às casas serem tão pequenas, as varandas eram uma forma de aumentar o espaço», conta Afonso.

A viver em Chaves desde 1985, o farmacêutico de 59 anos tem memória das mudanças que o tempo foi trazendo à cidade. E garante que o casamento entre a História e a modernidade tornam Chaves no sonho de qualquer turista. «Não sou só eu que o digo» – afirma – «O número de dormidas cá supera o somatório de muitas das maiores cidades da nossa região».

Muralhada desde a época romana, Chaves mantém ainda hoje os vestígios da sua importante fortificação em tempos de conquistas. «A cidade estava protegida por muralhas, com algumas portas de entrada» - explica Afonso - «sendo a mais conhecida a Porta do Anjo, que dá acesso à principal rua da cidade».

«Chaves é o sonho de qualquer turista», garante o farmacêutico Afonso Castro

Na buvette das termas, todos são convidados a beber um copo de água

A PAISAGEM PINTADA DE AZUL E VERDE DEIXA-SE COMPLETAR PELA CICLOVIA

A Ponte de Trajano é uma das grandes obras de engenharia dos romanos que resistiram até aos nossos dias

A história da construção da ponte romana está inscrita em latim nos seus pilares

D. Afonso, fundador da Casa de Bragança, ainda hoje reina no centro da cidade

No topo da colina da Pedisqueira, o Forte de São Francisco continua a vigiar a cidade. Palco de históricas batalhas medievais, desde 1997 que a sua principal missão é albergar os turistas, que se deleitam com a história daquele que é agora um dos mais conhecidos hotéis da cidade.

Bem muralhado está também o Castelo de Chaves, estrategicamente posicionado no centro da cidade. Do imponente edifício românico, mandado construir por Afonso III das Astúrias no século IX, resiste ainda uma das torres. «Nesta parte monumental da cidade, num passeio de poucos metros, é possível visitar o castelo, o Museu da Região Flaviense e duas das nossas mais bonitas igrejas» – revela o farmacêutico.

AS DUAS MARGENS DA CIDADE ENCONTRAM-SE NO REFLEXO DA ÁGUA DO RIO TÂMEGA

Do cimo da torre de menagem, a paisagem pintada de azul e verde deixa-se completar pela ciclovia que acompanha o rio Tâmega ao longo de sete quilómetros. Ao fundo do vale serpenteado pelo rio, avista-se a Ponte de Trajano, ponto de união das duas margens. Pisá-la é pisar o mais importante legado romano deixado aos flavienses.

A torre de menagem oferece uma visão espectacular do vale e do rio

Em volta, as margens da cidade encontram-se no reflexo da água. E a tranquilidade do Jardim Público de Chaves convida a sentar nos seus bancos, a contemplar o rio e todo o panorama envolvente.

Na margem direita, o moderno Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso (MACNA), projectado por Siza Vieira, ergue-se imponente nas suas linhas rectas. Lá dentro celebra-se a genialidade deste pintor flaviense, entre quadros que expressam a sua paixão pela matemática e a geometria.

Agostinho Pizarro é um orgulhoso funcionário do MACNA. «O museu é uma homenagem da comunidade flaviense e da câmara municipal à genialidade de Nadir Afonso» - explica - «este conjunto arquitectónico está instalado num local paisagisticamente privilegiado, ideal para expor as obras do nosso grande mestre».

No MACNA é celebrada a genialidade do reconhecido artista flaviense Nadir Afonso

Aberto ao público em 2016, o espaço conta com uma exposição permanente dedicada à vida e obra de Nadir, bem como exposições temporárias de grandes nomes do panorama artístico nacional. «Eu diria que a qualidade do museu é o somatório do pintor que este celebra e do seu projectista», sublinha Afonso Castro, convidando à visita.

O Restaurante Carvalho, muito acarinhado na região, era um dos favoritos do artista. Numa das muitas visitas, Nadir chegou até a deixar uma dedicatória no livro de honra que a casa mantém até hoje. As portas abriram em 1992, dando as boas-vindas a uma cozinha familiar, genuína e sem pretensões.

O Restaurante Carvalho põe à mesa a essência de Trás-os-Montes

Chaves é conhecida pelos folares e enchidos regionais

«EM CHAVES É MUITO COMPLICADO MANTER A LINHA»

Manuela Carvalho, de 46 anos, partilha a gerência com a mãe e a irmã. E fala com carinho deste sonho do seu pai, que haveria de ficar nas suas mãos muito cedo, por fatalidade da vida. «O meu pai faleceu com 46 anos, sem aviso, numa operação que tinha tudo para correr bem» - recorda, emocionada - «Apanhou-nos a todos de surpresa, mas nunca parámos».

O seu lugar preferido é atrás do balcão, onde pode ver toda a sala. Dali, gosta de ler nas expressões dos convidados o que lhes vai na alma. Nos bastidores, cabe-lhe gerir o negócio da família, honrando o nome do pai e os valores com que cresceu.

A cozinha sempre foi território da mãe. Fá-lo de forma genuína, sem grandes molhos ou artimanhas. A simplicidade permite respeitar o produto e as suas origens, que são sempre próximas. É que as mãos que cozinham são as mesmas que produzem os enchidos e cultivam os vegetais.

À mesa chega a essência de Trás-os-Montes, sob a forma de nacos de vitela no borralho, arroz de cabidela, alheira ou o famoso arroz de fumeiro. Mas no menu também há espaço para o inesperado. Por isso é que, todos os dias, há pelo menos um prato com o peixe mais fresco que o mar dá.

Dos restaurantes às pastelarias tradicionais flavienses, o farmacêutico Afonso Castro avisa, em tom de brincadeira, que em Chaves é particularmente complicado manter a linha. Presunto, folar, enchidos e queijos são algumas das iguarias

«Nada de talheres. O pastel deve ser comido bem quente e sem cerimónias»

transmontanas que fazem os deleites dos visitantes. No pódio, contudo, cabe apenas um vencedor.

A história do pastel de Chaves transporta-nos até 1892. Reza a lenda que uma vendedora misteriosa vagueava pela cidade com uma cesta à cabeça, recheada de estaladiços pastéis de carne. Ao ver o sucesso que estes folhados faziam entre os flavienses, a proprietária de uma pastelaria de Chaves comprou a receita à mulher por uma libra. E assim nasceu o ícone de pastelaria da região.

Helena Carvalho, dona da loja D'Chaves e especialista no fabrico do pastel, acredita que o segredo possa estar na crocante massa folhada de três voltas que envolve a carne de vitela estufada. E, claro, na qualidade dos ingredientes.

O espaço, inaugurado em 2015 no centro da cidade, é o culminar de uma vida dedicada à produção de especialidades regionais. «O que mais se vende são os enchidos, o presunto e o folar de Chaves. Mas o rei desta casa é, sem dúvida, o pastel de Chaves», conta, orgulhosa.

Dos clientes habituais aos turistas ocasionais, em tamanho normal ou em miniatura, o delicioso pitéu é um sucesso que já leva o nome de Chaves pelo mundo fora. Com as vendas a crescer a cada ano, a produtora, de 47 anos, garante que a tendência é para a popularidade continuar a aumentar. Aos novatos, deixa um conselho: «Nada de talheres. O pastel deve ser comido bem quente e sem cerimónias».

Ao fim de uma refeição, a *buvette* das termas é paragem obrigatória. Atrás do balcão de mármore, uma simpática senhora pergunta entre sorrisos: «Vai um copinho?».

A água termal serve-se directamente da fonte. Flavienses, convidados e curiosos esperam que a bebida arrefeça entre dois dedos de conversa. Sentados nas velhas cadeiras brancas de madeira que tantas gerações já viram passar.

Gole a gole, afoga-se a solidão, abranda-se o ritmo e acalma-se a digestão. No coração transmontano é proibido dizer «desta água não beberei». E sabe-se que quem a bebe está destinado a regressar.

A receita do pastel de Chaves terá sido comprada em 1892, por uma libra

Casas coloridas enfeitam as ruelas do centro histórico

: *BULA*

:1 CASTELO DE CHAVES
Praça de Camões, 14
5400-517 Chaves

:2 D'CHAVES
Lugar das Partilhas
Fonte Seca – Abobeleira
5400-001 Chaves

:3 MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA NADIR AFONSO
Avenida 5 de Outubro, 10
5400-017 Chaves

:4 RESTAURANTE CARVALHO
Alameda de Tabolado,
Largo das Caldas, 4
5400-523 Chaves

:5 TERMAS DE CHAVES
Largo das Caldas
5400–534 Chaves

SEGUNDA VAGA

©PEDRO LOUREIRO

PAULO CLETO DUARTE

O mundo está à beira de uma segunda vaga da pandemia provocada pelo novo coronavírus.

É essa a convicção de governos, cientistas e organizações internacionais.

E, de facto, há sinais claros nesse sentido.

A palavra de ordem é a de nos prepararmos para enfrentar o agravamento da crise sanitária que aí vem.

O problema é agora ainda mais sério, porque um confinamento similar ao da primeira vaga não parece possível.

A economia também não aguentaria nova paralisação, afirmam reiteradamente os governos.

As escolas abrem e dificilmente voltarão a fechar.

As empresas retomam a laboração e dificilmente voltarão a paralisar.

Generaliza-se a ideia de que temos de viver com a COVID-19, enquanto a ciência não encontra uma solução definitiva.

A situação pode tornar-se dramática.

Cabe a cada um de nós, cidadãos e empresas, evitar comportamentos de risco.

Prevenir, prevenir, prevenir é o apelo que todos os dias é dirigido pelos governos e instituições de saúde nacionais e internacionais.

A prevenção é um processo colectivo.

Todos precisamos de aprender com as lições do longo período da pandemia que já vivemos.

Não temos desculpas. Sabemos o suficiente sobre esta doença para lhe fazer frente com mais determinação e eficácia.

A nossa responsabilidade é maior, porque não vamos ser colhidos de surpresa.

A rede de farmácias portuguesas está preparada para participar na nova fase desse combate.

A sua capacidade técnica e logística estará ao serviço do sistema de saúde e, particularmente, dos doentes, tanto ou mais do que já esteve na primeira vaga da pandemia.

Assim o sistema de saúde queira utilizar essa capacidade.

Na aproximação do SNS aos cidadãos, na vacinação, na distribuição de medicamentos hospitalares, no combate às doenças crónicas, na adesão à terapêutica, na entrega de medicamentos ao domicílio, no serviço de turnos e em tantos outros serviços, as farmácias têm uma ampla capacidade de colaboração em benefício de todos.

Estaremos a andar com a necessária rapidez nessa direcção?

O senhor presidente da Assembleia da República, em recentes declarações públicas, fez um apelo para aprendermos com os erros do passado.

Estamos de acordo com esta afirmação.

Todos fizemos coisas boas e menos boas.

O que é preciso é tirar lições do passado e caminhar mais depressa à procura das melhores soluções.

É necessária maior cooperação e articulação entre os sectores público, privado e social.

As farmácias tiveram um papel preponderante na primeira fase da pandemia, estiveram na primeira linha no combate à COVID-19, mantiveram-se em funcionamento em condições difíceis e criaram soluções inovadoras para protecção das pessoas.

Mantemos, em relação a esta segunda vaga, o mesmo espírito positivo quanto à capacidade do país resistir e vencer a crise.

O Governo conhece a nossa disponibilidade.

Com a chegada do Outono, é necessário acelerar o ritmo de preparação do país e do sistema de saúde para enfrentar a maior crise sanitária do século.

Contem com a solidariedade da rede de farmácias para a realização desse objectivo.

Exclusivo ONLINE

26, 27 e 28 de novembro

Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2020 2030

Abrir horizontes. Fazer acontecer.

e

XIV CONGRESSO MUNDIAL DOS FARMACÊUTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

WWW.CONGRESSO.ORDEMFARMACEUTICOS.PT

ORDEM DOS FARMACÊUTICOS 1835

CPLP
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Turismo de Lisboa